

2ª EDIÇÃO



LUÍS-SÉRGIO SANTOS

RUI FACÓ

[U M A B I O G R A F I A]

O HOMEM E SUA MISSÃO

LUÍS-SÉRGIO SANTOS

RUI FACÓ

[UMA BIOGRAFIA]

O HOMEM E SUA MISSÃO

Segunda edição



Run Faced!





CAPA JON ROMANO COM FOTO DO ACERVO DE ANA FACÓ
REVISÃO MARIA VILANI MANO E SILVA, VÂNIA MONTEIRO SOARES RIOS
IMPRESSÃO E ACABAMENTO YANGRAF

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Telma Regina Abreu Vieira — CRB-3/593
Bibliotecária

S236r Santos, Luís-Sérgio
Rui Facó (uma biografia) o homem e sua missão /
Luís-Sérgio Santos. — Fortaleza : Omni, c2014.
368 p. : il. ; 23 cm.

Inclui índice onomástico.
ISBN 978-85-88661-43-1

1.Facó, Rui, 1913-1963. 2.Escritores brasileiros —
Ceará — Biografia — Século XX. 3. Intelectuais — Ceará
— Atividades políticas — Século XX. I.Título.

CDD (23ª ed.) 928.690981310904

01/13

Histórico de impressões:
Fevereiro/2014 Primeira edição
2a. Edição: Maio de 2014

CO-EDIÇÃO:
OMNI EDITORA
E-MAIL df@fortalnet.com.br
SITE www.omnieditora.com.br
TWITTER twitter.com/omnimian
FACEBOOK facebook.com/omnieditora

CO-EDIÇÃO:
FUNDAÇÃO ASTROJILDO PEREIRA
SEPN 509 — Bloco D, Ed. Isis sl.27/28
CEP 70.750-504 ■ Asa Norte, Brasília, DF
FONE (61) 3224.2269, (61) 2045.6916
FAX (61) 3226.9756
SITE www.fundacaoastrojildo.com.br

APOIO CULTURAL:



**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Casa Civil

Para Isabela, Joana e Juliana

SUMÁRIO

Nota prévia 15

CAPÍTULO UM

O ACIDENTE NOS ANDES

Todos morreram 20

CAPÍTULO DOIS

O COMEÇO

A origem rural 120

CAPÍTULO TRÊS

ÉRAMOS TODOS COMUNISTAS

A vida em Salvador 172

CAPÍTULO QUATRO

SÃO PAULO, MOSCOU, RIO

Imersão na doutrina comunista 276

CAPÍTULO CINCO

OS CAMARADAS DE NOVOS RUMOS

Uma escola de jornalismo engajado 293

Epílogo 365

Cronologia de Rui Facó 367

Referências bibliográficas 372

Índice Onomástico 378

Agradecimentos

Meus agradecimentos às muitas pessoas que ajudaram na construção desse trabalho. Algumas, com quem conversei, já não estão mais entre nós.

ANA FACÓ, pela sua entrevista, cheia de paixão pelo irmão, ponto de partida da série de entrevistas deste livro, escolhida por mim como marco da fase inicial da pesquisa pela minha afeição anterior.

ARMÊNIO GUEDES, segundo entrevistado no trabalho de campo, é fonte valiosa demais neste trabalho que, por vezes, confunde-se com sua fala. Além disso, apontou novos rumos para pesquisa e para a investigação.

LUIZ MARIO GAZZANELO, jornalista, que me recebeu em seu escritório na sede do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE, no Rio de Janeiro, fonte relevante e muito atencioso na narrativa dos detalhes da convivência no semanário *Novos Rumos* e com o próprio Rui. No dia 2 de outubro de 2012, aos 84 anos, ele, infelizmente, nos deixou.

PAULO FACÓ, pelos comentários, revisão das informações genealógicas e documentos de Rui.

ZULEIKA ALAMBERT, escritora e líder política, contemporânea de Rui, forneceu-nos detalhes valiosos sobre ele. Deputada Estadual pela cidade de Santos, em 1947, pelo PCB, está entre as primeiras mulheres a ocupar uma cadeira na Assembleia Legislativa de São Paulo.

FRANCISCO INÁCIO DE ALMEIDA, como jornalista e dirigente político, foi um interlocutor e uma âncora especial em todo o processo de pesquisa, fornecendo nomes, telefones e até agendando entrevistas e, ele próprio, uma fonte recorrente e intermitente.

RALPH DELLA CAVA, pelo seu depoimento sobre Rui, enviado por e-mail em 18 de maio de 2014, para esta segunda edição.

GILMAR DE CARVALHO, nos forneceu valioso exemplar da *Revista Brasiliense* e nos abriu contato como professor Ralph Della Cava

ELIO GASPARI, mesmo sem o formalismo de uma entrevista gravada — “não dou entrevistas” —, foi uma fonte sempre atenciosa e disponível, com informações, comentários minuciosos e descrição detalhada de alguns aspectos do comportamento de Rui à época de *Novos Rumos*. Conversei com Gaspari por telefone, de São Paulo.

FRANCISCO AUTO FILHO, pelos textos de Rui Facó sobre reforma agrária. LIANA AURELIANO, que apontou rumos importantes e abriu portas. Ela própria, uma fonte.

VALDA FACÓ, pela profunda emoção com que me relatou tudo, revelando uma visão nova de Rui — a de uma adolescente no seio da família, sua sobrinha.

VALDO FACÓ, por suas contribuições sobre o período conturbado dos anos 1960 no Rio de Janeiro.

HEITOR FACÓ, irmão de Rui, mesmo em estado de saúde pós-operatório, contribuiu para desenhar a personalidade de Gustavo, pai de Rui.

ZÉIA QUEIROZ e suas memoráveis histórias sobre o sítio Lucas e a gênese de Beberibe, numa conversa memorável na varanda do casarão, em Beberibe.

JOSÉ MARIA DE QUEIROZ, desembargador, contemporâneo de Rui no Liceu do Ceará e na Faculdade de Direito, em Fortaleza.

ORLANDO FACÓ, que forneceu importantes documentos sobre a família Facó.

GIUSEPPINA BLUMETTI FACÓ, mulher de Paulo Facó, filho de Rui, muito precisa em suas respostas.

ILÁRIO MARQUES, editor da primeira edição desta biografia que inaugurou a *Coleção Biografias Inesp*.

VIDAL CAVALCANTE, que fotografou Armênio Guedes durante entrevista na residência daquele na Rua Aracaju, em Higienópolis, São Paulo.

JOÃO DA COSTA FALCÃO, contemporâneo de Rui, em Salvador.

MAYRÁ LIMA, bolsista desta pesquisa.

MARIA DO CARMO GOMES DOS SANTOS, minha mãe, interlocutora que me contou muitas curiosidades sobre Rui e sobre os pais dele, Gustavo e Antonieta, e ainda sobre Ana Facó, a irmã caçula de Rui.

ARIALDO DE MELO PINHO, Secretário de Estado Chefe da Casa Civil, no Ceará, pelo apoio cultural a esta segunda edição.

DENISE FACÓ, FRANCISCA LOPES, KELSON SOARES E ALBANO MARTINS RIBEIRO, do site www.gracilianoramos.com.br

A construção da vida está muito mais no poder dos fatos que das convicções — de fatos que quase nunca, e em parte alguma, se tornaram a base das convicções.

WALTER BENJAMIN, *Rua de Mão Única*, 1928

Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem como querem, não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado.

KARL MARX, *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*, 1852

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.

FERNANDO BIRRI citado por EDUARDO GALEANO in *Las palabras andantes*, 1994

NOTA PRÉVIA

O trabalho de construção desta biografia começou em 2004 com a primeira entrevista que fiz com este objetivo. Foi uma longa conversa com Ana Facó — a irmã mais nova de Rui —, em sua casa, em Beberibe. Foi a primeira conversa gravada com Ana, minha madrinha de batismo, guardiã da Biblioteca Dido Facó, autodidata, apaixonada pelo irmão.

Acho que Ana tem uma enorme influência na minha formação. Foi na Biblioteca dela que tive acesso a toda obra de Monteiro Lobato, aos antigos anuários do Ceará editados por Valdery Uchoa e a várias edições de *Brasil Século XX*, de Rui Facó, em vários idiomas. Na verdade, Ana e minha mãe, Maria do Carmo Gomes dos Santos, são as duas mulheres que cuidaram de minha escolaridade. Minha mãe nunca me deixou fora da escola, sempre escola pública. E Ana me presenteou com o primeiro livro que ganhei, uma edição da *Crestomatia*, livro que havia sido usado para alfabetizá-la e a seus irmãos.

Eu conheci Rui, a partir de narrações de minha mãe, que conviveu esparsamente com ele; e de Ana e de fotos nas paredes do casarão de Gustavo Facó, seu pai, na Rua João Balthazar, número 1, em Beberibe. Anos mais tarde, já graduado em Comunicação Social, pela Universidade Federal do Ceará, li *Cangaceiros e Fanáticos*, de Rui, e fui sedimentando uma zona de convergência que acabou culminando com a decisão de levantar dados sobre a história de Rui, principalmente pelo fato de ele ter morrido no ápice de sua vitalidade intelectual,

de ter sua vida cerceada num momento de grande efervescência, em 1963, um ano antes de o Brasil entrar numa fase de muita turbulência em sua história.

Este livro é uma construção coletiva. Ele decorre da fala, da memória dos entrevistados que, em muitas vezes, assumem a condução da narrativa. A fala de cada um deles contamina momentos preciosos desta biografia. Privilegiei fontes primárias, pessoas que conheceram e conviveram com Rui.

O título, *Rui Facó — O Homem e sua Missão*, remete a essa ideia de que a vida dele foi toda voltada para um engajamento consistente, determinado, que nos lembra a expressão de Antonio Gramsci, de intelectual orgânico, aquele alinhamento ortodoxo que faz a parte se fundir no todo e ela, mesma todo, conquanto parte. Determinado e tranquilo. Dono da utopia dos que têm esperança e cético quanto à mudança sem estratégia, sem formação e sem engajamento. Isso, de certo modo, é reflexo do seu tempo, quando a divisão do mundo era muito clara, entre dois blocos, com perspectivas diferentes, cenário ideal para maniqueísmos e para acirramentos ideológicos, daí o sucesso da Guerra Fria.

Uma curiosidade que permanecerá, exceto pela via da ficção, seria imaginar Rui dialetizando seus credos, dogmas e utopias dentro do processo histórico. E, mesmo, vê-lo reagir ao Golpe Militar de 1964, quando um de seus ilustres conterrâneos, Humberto de Alencar Castello Branco, teve papel proeminente. E, depois, um outro, ministro da Justiça e do draconiano AI-5, Armando Falcão. Muitos dos seus colegas comunistas mudaram de rumo, alguns largaram o partido, houve dissidências, discensos e despedidas. “Só não comete erros quem nada faz”, costumava repetir Luís Carlos Prestes, certamente olhando também para si mas, principalmente, alertando para o que é preciso fazer. E ele teve uma vida dedicada à ação nos intervalos de perseguição, prisão e exílio.

A ruptura institucional dos anos 1960 no Brasil e seu agravamento em 1968 foram o caldeirão de onde efervesceu uma quantidade

enorme de expressão do pensamento intelectual de esquerda no Brasil.

Foi, também, o momento de exacerbamento das práticas revolucionárias de esquerda, fazendo frente à repressão do Estado autoritário. Marighella é uma expressão dramática nesse contexto. Ele foi um grande lamento da perda de Rui, convergentes e militantes que eram desde a faculdade, em Salvador.

No campo interno, o próprio Prestes encarregou-se de aumentar a temperatura, ajuizando uns e outros. Prestes entendia que Getúlio Vargas “possuía o verniz de um bacharel, mas na verdade era um latifundiário, ao mesmo tempo que representava os interesses da burguesia”. Em 1980, rompeu com o Comitê Central do PCB e atirou nos comunistas: “Esses comunistas estão desmoralizados. As massas querem lutar e eles, não.” Lula é “um operário de talento, mas, infelizmente, não lê, não estuda”. João Amazonas, do PCdoB, com quem rompeu, “é um metafísico que organiza o pensamento em caixinhas.”

Com Getúlio, Prestes viveu momentos dramáticos. Viu a mulher ser deportada e depois executada na Alemanha, amargou anos na prisão e, depois, subiu no palanque do mesmo Getúlio, em nome de um projeto nacional.

E onde estaria Rui, em meio a esse tiroteio retórico e esfacelamento do núcleo histórico do Partido? Uma certeza é que teríamos aqui um tradutor, um intérprete das mudanças estruturais e reposicionamentos ideológicos e doutrinários, o que, aliás, na realidade comunista, teve em Nikita Krushev, um marco fundador, quando denunciou as atrocidades de Stalin para o desgáudio de milhares de comunistas no mundo inteiro.

Rui, em progressão, teria sido um dos mais profícuos e originais intelectuais brasileiros. Originalidade que é traço marcante em *Cangaceiros e Fanáticos*, no qual se percebe rigor, método e estilo. Um artesão na garimpagem da informação e na forma. Imagino que, sem *Cangaceiros e Fanáticos*, Rui não seria este intelectual celebrado e respeitado. Portanto, o livro de sua fundação como intelectual — adjetivo

que ele não prefere — é também sua última obra.

Rui, certamente, teria consolidado a tradução ortodoxa de Gramsci quanto à organicidade.

Não há aqui a pretensão de um trabalho completo, sem lacunas e arestas. A recuperação de uma biografia é uma obra de garimpo sobre a qual o autor acaba perdendo o controle. Como disse, trata-se de uma obra coletiva em que as fontes primárias cumprem papel importante. Infelizmente, algumas dessas pessoas com quem conversei não estão mais entre nós. O tempo é uma variável necessária no processo de imersão e de reconstrução da vida de uma pessoa que nos deixou em 1963 e sobre quem restam poucos registros. Eu digo que Rui foi salvo por *Cangaceiros e Fanáticos* pois, sem este livro, ele não ganharia o relevo que ganhou como referência intelectual. A própria imprensa cearense da época, como anota Aníbal Bonavides em carta a Blanchard Girão, esqueceu de registrar a morte de Rui, não se sabe se pelo fato de ele ser comunista de carteirinha, ou se por mero erro de avaliação, ou por puro desconhecimento.

A morte de Rui, em março de 1963, nos Andes — e seu demorado traslado para o Brasil — foi também uma grande perda para o Partido, tanto no plano material quanto no plano espiritual pois se trata de um intelectual treinado, formado, fruto da vontade pessoal dele e de decisão política, e totalmente imerso nas questões estruturais da política e da economia com formação marxista consolidada em sua temporada de quase cinco anos em Moscou, abreviada pela morte de sua mulher, Julia Guedes Facó. Além de militante agregador e totalmente dedicado à produção espiritual na perspectiva das grandes bandeiras sociais do Partido, Rui era um formulador, um ideólogo, um porto seguro na redação clara e consistente a ponto de ser, também, um revisor de texto dos companheiros e um *ghost-writer* acidental e recorrente até mesmo de Prestes, de Marighella, de Giocondo Dias. Isso, nos tempos em que todos sentavam à mesma mesa.

Como nos lembra Zuleika Alambert, Rui virava a noite no *tec-tec* da máquina de escrever e escrevia com muita velocidade. Ele tinha hábitos ortodoxos, em termos de horários, como veremos. Escreveu, também, na juventude, belas cartas de amor em torno de suas relações relativamente platônicas, ao melhor estilo do romantismo. E chegou a exercitar-se como poeta para além de bissexto, numa homenagem a Julia, em versos romanticamente politizados e cheios de utopia.

O acervo de *Novos Rumos*, digitalizado pela Fundação Biblioteca Nacional foi de uma enorme valia para a imersão naquele período tenso — final dos anos 1950, início de dos anos 1960 —, de extrema correlação de forças, que acabou decidindo os rumos do Brasil. O livro tem momentos distintos, com personagens distintas. A primeira fase, em Beberibe; a segunda em Fortaleza e, em seguida, Salvador. Depois, Rio, Moscou e, novamente, Rio, o grande palco de Rui.

E, finalmente, o mundo.

CAPÍTULO UM

O ACIDENTE NOS ANDES

Todos morreram

A região da Cordilheira dos Andes, rica e complexa formação rochosa da América do Sul, é também famosa por sua inacessibilidade, indomabilidade e instáveis condições de tempo — uma espécie de triângulo das Bermudas a desafiar navegadores aéreos e mesmo alpinistas. A Cordilheira é uma muralha. O pico Aconcágua chega a 6.659 metros de altitude com temperaturas abaixo de zero no inverno. Aconcágua é a maior montanha do continente e compõe o cenário argentino do desafiador monumento. Vê-lo, constitui um extasiante espetáculo. O cume do hemisfério ocidental vai das beiradas do mar do Caribe, na Venezuela, aos confins da Patagônia, na Argentina, exibindo uma profunda diversidade de paisagens, numa extensão de 7.500 km que rasga o coração de sete países latino-americanos. Em alguns trechos, chega a apresentar 3.000 km de largura. Um monumento esculpido de forma impetuosa pela natureza, composto por paredes colossais e abismos intrépidos. Esse cenário, fascinante e mágico, estimula drogas naturais, como a adrenalina e, também, como numa sessão de hipnose, pode provocar sensação de torpor — uma química que vem do oxigênio rarefeito da altitude.

Na Cordilheira, parecemos estar a um passo do Céu: ele é o limite mais próximo. Ali, cada um se sente como um grão no Universo.

Envolta nos Andes está Santiago, a capital do Chile, a 520 metros de altura, marcada por história e tradição, e palco de sangrentos acontecimentos, desde 1973 sob o comando do truculento e atroz ditador Augusto Pinochet. Naquele ano, o general Pinochet liderava um golpe militar contra o governo do presidente Salvador Allende, eleito em 1970, iniciando um ciclo de terror que perdurou até 1989. Numa contabilidade divulgada em 1991, a Comissão Nacional para a Verdade e Reconciliação do Chile publicou que, na ditadura Pinochet, oficialmente, 2.279 mortes (depois revista para 3.172) foram praticadas por motivos políticos. Pinochet é uma página amarga na história de repressão e ditaduras na América Latina e na América do Sul.

O berço de refugiados políticos brasileiros pós-1964 se convertera em circo de horrores.

Eram 13h55 min, do dia 15 de março de 1963. O tempo cada vez mais escuro, temporal, ventos fortes e raios esparsos anunciavam trovões. A turbulência desenhava uma fragilidade para quem, àquele momento, estava a bordo de uma aeronave excepcional para voar em “céu de brigadeiro”, mas potencialmente instável em meio à adversidade. Não era aquele “céu de brigadeiro” o que se via agora. Nuvens negras, ventos fortes e quedas bruscas da aeronave em vácuos que pareciam abismos, mostravam que a competência do piloto e da tripulação estavam sendo desafiadas pela Natureza.

Os sinais de turbulência foram emitidos dez minutos antes. O piloto repete que os passageiros amarrem seus cintos de segurança, apenas para confirmar o que de fato já o era — todos já decolaram com cintos atarrachados. Depois, um enorme silêncio e contínuos solavancos da aeronave seguidos de segundos de estabilidade, uma eternidade.

Rui parecia tranquilo, porém, intimamente, tenso. Essa era uma marca sua, gerenciar a tensão internamente, e demonstrar firmeza, algo

meio frio. No entanto, e de fato, era um humanista.

Os passageiros se entreolhavam. Eram adultos, vividos, experientes, mas nunca experimentaram aquela fúria, indefesos dentro de um pequeno avião.

O avião Douglas DC-6B, voo 915 da companhia Lloyd Aéreo Boliviano que havia decolado do aeroporto de Arica, espatifou-se contra as rochas em área próxima ao vulcão Tacora, no Peru, matando seus 39 ocupantes — 36 passageiros e 3 tripulantes. Segundo o World Airline Accident Summary, 1946-1972, da British Civil Aviation Authority, o avião caiu entre as montanhas enquanto o piloto relatava, redundantemente, as péssimas condições de voo e acentuava a ausência total de visibilidade — um voo cego. A aeronave estava numa altitude de 14.250 pés e sucumbiu próximo ao pico Chachacomani — latitude 17 graus 49'00, longitude 60 graus 50'00 W. O Chachacomani tem entre 5.998 metros de altitude — em algumas fontes — e 6.074 metros, noutras. As condições de voo, reforça o relatório da British, eram ruins. O tempo fechado, nuvens escuras, chuva, ventos fortes e relâmpago provocavam severas turbulências.

O Douglas DC-6B é a versão do DC-6A. Este modelo é uma aeronave com maior capacidade, maior autonomia e com uma porta de grandes dimensões, projetada para embarque e desembarque de carga. O DC-6B, com capacidade para 102 passageiros, tem as características do DC-6A mas foi projetado para o transporte de pessoas. Os dois modelos são versões do DC-6 construídos pela Douglas Aircraft Company de 1946 a 1958.

O primeiro acidente com um DC-6 aconteceu em outubro de 1947, quando o voo 608 da United Airlines caiu perto de Bryce Canyon, em Utah, EUA, num pouso de emergência após um início de incêndio, matando todas as 52 pessoas a bordo, entre passageiros e tripulantes. Até o início dos anos 1960 mais oito acidentes fatais envolvendo este modelo de aeronave aconteceram. Num desses acidentes, uma bomba-relógio explodiu a bordo. Foi no dia 1º de novembro de 1955,

no voo 629 da United Airlines nos céus de Longmont, Colorado, EUA, matando 44 pessoas a bordo.

Em fevereiro de 1960, no dia 25, um Douglas DC-6A da Marinha americana, colidiu no ar sobre a baía da Guanabara, próximo ao Pão de Açúcar, com um outro Douglas, modelo DC-3, prefixo PP-AXD, da Real Transportes Aéreos, procedente de Campos dos Goytacazes-RJ para o aeroporto Santos Dumont, Rio de Janeiro. O avião da Marinha americana vinha de Buenos Aires, do aeroporto de Ezeiza com destino ao aeroporto do Galeão, no Rio de Janeiro. A causa provável do acidente é polêmica, mas decorre de um somatório de erros dos pilotos com falhas do equipamento. Morreram 38 ocupantes da aeronave americana, três sobreviveram. Todos os 26 passageiros e tripulantes da aeronave brasileira morreram.

O clima de tensão a bordo prolongou-se por cerca de dez minutos. Instantes antes da queda o piloto já alertava para as condições de tempo e pedia que os cintos de segurança fossem apertados.

O voo decolou do aeroporto de Arica, no Chile, às 13h27min e faria uma próxima escala em La Paz, na Bolívia.

O acidente teria sido provocado pelas condições de tempo ruins. “Um voo fora das condições necessárias de visibilidade que teria provocado a queda de altitude da aeronave.” As severas turbulências são comuns na região oeste da Cordilheira dos Andes.

Uma região íngreme, de difícil acesso, a desafiar aventureiros em busca de novos records no alpinismo.

O avião era algo mambembe, como lembra Luiz Mario Gazzaneo. “Nós, de *Novos Rumos*, só recebemos a notícia no dia seguinte. A notícia confirmada... Foi um misto de choque e indignação. Choque pela perda e indignação pelo cenário... Como é que pode, colocar o cara para viajar num avião desses?! Essa foi a nossa reação”.

Na memória de Gazzaneo, Rui era muito discreto. “Ele era esguio, não fumava. Bebia alguma coisa na casa dele, bebia uísque.

O Rui devia ser uma pessoa de hábitos alimentares muito saudáveis, não fumava. Devia cuidar do corpo. Tinha uma mente ótima, vestia-se muito bem; era elegante.”

Em 1959, Gazzaneo tornou-se amigo do Armênio por intermédio de Rui — amigo, irmão. “Eu já tinha estado com o Armênio, rapidamente, em São Paulo, mas a nossa relação foi fortificada pela convivência com o Rui, que permanece até hoje, graças a Deus!”

Gazzaneo e Rui conviveram, principalmente, no jornal *Novos Rumos*. Mas participaram também do projeto do jornal diário que durou quarenta dias, em 1959, o jornal *Hoje*, numa estratégia eleitoral. O diretor era o Almir Matos, o chefe da redação era Gazzaneo e Armênio Guedes era o secretário gráfico. Marighella e Prestes foram os articuladores do jornal. O jornal era favorável ao marechal Lott — Henrique Duffles Baptista Teixeira Lott — na disputa presidencial contra Jânio da Silva Quadros, este já escorraçado pelo *Novos Rumos*. Jânio ganhou e o jornal acabou. A espada de Lott é derrotada pela vassoura populista de Jânio.

Na ideia de Gazzaneo “o Armênio é uma das maiores figuras da história do Partido. O Armênio é uma cabeça política. É uma pessoa que entendeu, muito antes de muita gente, que muita coisa estava errada e precisava mudar dentro do Partido e na política do Partido. O Armênio Guedes foi um dos responsáveis, juntamente com Alberto Passos Guimarães, Mário Alves, Jacob Gorender, Armênio Guedes, Dinarcos Reis, Orestes Timbaúba e Giocondo Dias, pela declaração de março de 1958 que mudou o rumo da política do Partido. É a famosa e polêmica resolução de março de 1958.”



Todos os passageiros e a tripulação morreram na queda do Douglas DC-6B que culminou com uma explosão.

O acidente encerrava de modo precoce, irremediável como uma secção de guilhotina, a carreira do advogado, jornalista e inquieto pen-

sador Rui Facó, um intelectual orgânico, mente brilhante e à frente do seu tempo, pesquisador sistemático e escritor compulsivo.

Rui Facó estava viajando toda a América Latina e seu destino final, supostamente, seria Havana. Fidel Castro, *la revolución*, seria um germe que se espalharia para a América Latina: o fim da sociedade de classes — a utopia agora ganha um recorte na realidade.

Rui apurava fatos, elencava dados e colhia depoimentos *in loco* para uma série de extensas reportagens sobre problemas sociais e políticos do cone sul. Em sua travessia pela América Latina, averiguava as diversas realidades, numa garimpagem com a minúcia de um legista, na condição de repórter do jornal *Novos Rumos*, engajado.

Esteve em Buenos Aires, depois em Santiago, de onde partiu para La Paz. Faria uma escala em Arica, no extremo norte do Chile. Depois iria para a Bolívia, de onde Arica era o último entreposto aéreo.

Dias depois do sinistro, a última mensagem de Rui, escrita a mão, chega ao amigo Fragmon Carlos Borges:

Fragmon:

Sigo hoje para Santiago. Tudo bem e, particularmente aqui, calorosa e cordial recepção dos nossos amigos, gente boa, sem espírito preconcebido, muito compreensiva. Não fosse o Almir [Matos], eu iria escrever um livro...

Abraço a todos, do Rui.

O cartão, escrito em Buenos Aires, mas postado em um correio na capital chilena no dia 13, antevéspera do acidente, foi a última mensagem de Rui à redação do jornal *Novos Rumos*.

— Nessas linhas ficaram gravados dois traços marcantes do Rui, diz Fragmon Carlos Borges.

— Seu inabalável otimismo e sua camaradagem, alegre, uma pilhéria sempre pronta para os companheiros, características que ajudaram a torná-lo, mais do que um simples colega ou companheiro, um verdadeiro amigo de todos nós.

Facó, como era tratado pelos amigos, vivia um dos momentos de maior riqueza intelectual, produzindo de modo sistemático e ostensivo. Seu livro *Cangaceiros e Fanáticos* estava na gráfica, já em segunda revisão, para ser lançado na sua volta ao Brasil, dali a poucos dias. O que, de fato, aconteceu. Mas um lançamento póstumo, sem direito a autógrafos do autor. A obra sinalizava para o início de um ciclo interrompido, na qual, num estilo direto e elaborado, Rui funde o jornalista e o intelectual refinados, rigoroso na forma e no conteúdo. O estilo de *Cangaceiros e Fanáticos* trafega entre o jornalismo factual e o ensaio, sem ranço acadêmico conservador e certamente influenciado pelos estilos de Euclides da Cunha e de Graciliano Ramos. É a obra que inaugura Rui como intelectual original, inovador na forma, no conteúdo, e na angulação de um fenômeno social normalmente interpretado fora dos contextos antropológico, sociológico e político.

O bibliófilo, professor e escritor Briquet de Lemos foi contemporâneo de Rui em *Novos Rumos*. Nascido no Piauí, em 1938, foi Briquet quem fez a revisão dos originais de *Cangaceiros e Fanáticos*. “Acho que foi por recomendação dele [Rui] que o Ênio Silveira me contratou para fazer a revisão das provas tipográficas de *Cangaceiros e Fanáticos: gênese e lutas*. Ainda faltava terminar a revisão quando nos chegou a notícia de sua morte. Ênio me chamou e pediu que fizesse algum ajuste que ainda estivesse pendente. Ele queria publicar o livro imediatamente. Veja que a data do colofão é o mês de março de 1963.” Briquet fazia a recheagem da revisão do livro em dobradinha com sua mulher, Lúcia.

Briquet também trabalhou como revisor em *Estudos Sociais*, de cujo Conselho de Redação era membro. “Não foram poucas as oportunidades que tivemos de conversar. No entanto, não guardo reminiscências suficientes para compor uma memória menos fragmentária daqueles tempos. Sempre elegante, de linguagem fluente, forte sotaque cearense, risonho, cortês”. Assim era o Rui de quem Briquet lembra.

O sepultamento de Rui aconteceu muitos dias depois. O traslado dos restos mortais foi penoso e demorado.

Disso, cuidou Luiz Mario Gazzaneo, jornalista e militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB), que foi ao Chile conduzir pessoalmente a operação de traslado.

Gazzaneo nasceu em Maceió, Alagoas, e era filho de uma família italiana radicada em São Paulo. Muito jovem, ligou-se ao Partido Comunista Brasileiro em 1944, em plena ditadura do Estado Novo. No ano seguinte, integrou o grupo que organizou o Comício do Pacaembu, quando Luís Carlos Prestes foi apresentado aos paulistas, após cumprir nove anos de prisão. Gazzaneo morreu de infarto, aos 84 anos, no dia 12 de outubro de 2012, no Rio de Janeiro. Foi nas hostes do PCB que passou a conviver com Rui.

Gazzaneo cuidou do traslado dos restos mortais de Rui para o Brasil, um processo que demorou mais de um mês.

— Olha, depois do acidente, a direção do jornal encarregou-me de cuidar dos trâmites oficiais do traslado do corpo, conta Gazzaneo.

— A *Air France*, no início, desistiu de assumir a responsabilidade pelo traslado, argumentando que o acidente tinha acontecido em outra área, mas acabou concordando. Esse vai e vem durou mais de um mês. O corpo chegou ao Rio em um dia de semana, uma quarta-feira.

No dia 23 de março de 1963, o jornal *Diário Carioca*, DC, publica em sua página 3:

Fonte do Itamarati informou, ontem, que o Ministério das Relações Exteriores enviou instruções à Embaixada brasileira em Paz no sentido de que sejam feitas novas gestões junto ao Lóide Aéreo Boliviano para que seja apressado o traslado do corpo do jornalista Rui Facó.

Recorda-se que o citado jornalista faleceu no desastre do DC-6 daquela companhia de navegação aérea, ocorrido há mais de uma semana e até agora não foi providenciada a vinda do seu corpo para o Brasil.

Da morte de Rui, no dia 15 de março de 1963, até o sepultamento no Cemitério São João Batista, no dia 17 de abril, às 10 horas

da manhã, mais de um mês decorreu.

No enterro de Rui, a presença de Luís Carlos Prestes e Carlos Marighella puxaram a lista de companheiros do PCB. Da executiva do partido, Edson Moraes, Almir Matos, Orlando Bonfim, que era diretor do *Novos Rumos*. Todos discursaram, emocionados e altivos. Muita emoção. A redação de *Novos Rumos* estava chocada e, no grupo, incluía-se um “foca”, principiante no jornalismo, Elio Gaspari.

O Rui, além de ser muito respeitado, lembra Gazzaneo — era muito querido. “Ele tinha postura, ele tinha comportamento”. Naquela época, o Fragmon era o diretor-executivo do jornal e Luiz Mario Gazzaneo era o editor-chefe. “Da cúpula do jornal, nós éramos os mais jovens.”

O Fragmon era um sergipano, veterano e militante do Partido, um jornalista competentíssimo. Ele militou durante muito tempo em Pernambuco e uma das coisas que ligava o Fragmon ao Rui Facó era o interesse pelas questões do campo, a reforma agrária, temas de muitas reportagens e editoriais em *Novos Rumos*. O Fragmon denunciava, inclusive, a questão do latifúndio no Brasil, tema de artigos, ensaios e reportagens na revista *Estudos Sociais*. E o Rui foi uma espécie de revisor do ensaio do Fragmon sobre esse tema. Eles eram muito amigos. “O Rui era um a figura maravilhosa, era um lorde”, lembra Gazzaneo.

Eram grandes amigos: o Almir [Matos]; o Rui, que ficavam diariamente na redação junto com Gazzaneo; Armênio; Fragmon; e José Almeida. O baiano Almir Matos cuidava mais das questões políticas, era um brilhante jornalista. O Almir foi diretor, inclusive, do jornal do Partido na Bahia, durante algum tempo. Almir era uma cabeça política muito interessante. Ele escreveu o primeiro livro sobre Cuba publicado no Brasil: *Cuba: a revolução na América*, publicado pela editora do Partido, a editora Vitória.

A revista *Estudos Sociais* foi criada pela direção nacional do PCB em maio-junho de 1958, com uma tiragem média de dois a três mil exemplares até o seu fechamento em 1964. Foi a principal publicação do Comitê Central para estimular o debate teórico sobre problemas

brasileiros e estimular a politização da militância comunista.

Estudos Sociais foi dirigida por Astrojildo Pereira, Armênio Guedes e o sociólogo Jorge Miglioli. Eles formaram o conselho de redação do veículo junto com os jornalistas Fausto Cupertino, Jacob Gorender, Mário Alves, Rui Facó, o filósofo Leandro Konder e, nas últimas edições, o historiador Néelson Werneck Sodré. Em seus quase seis anos de vida, acolheu a contribuição de cerca de setenta intelectuais das mais diversas áreas do conhecimento, totalizando perto de duzentos textos publicados — ensaios, capítulos de livros inéditos, resenhas, críticas de livros e revistas e documentos históricos. Além dos membros da direção partidária e dos intelectuais comunistas mais influentes, como Alberto Passos Guimarães e Nelson Werneck Sodré, escreveram para a revista importantes figuras do pensamento nacional como Josué de Castro, Hermínio Linhares, Edison Carneiro, pioneiro nos estudos sobre o negro no Brasil.

Em 26 de fevereiro de 1959, foi lançado no Rio de Janeiro, então a capital federal, o semanário *Novos Rumos*, informativo e engajado, às vezes elegantemente panfletário, mas totalmente alinhado à doutrina do PCB, isto é, com o objetivo de informar, formar e estimular estratégias de luta pelo poder, contra o capitalismo e a ameaça monopolista externa. O jornal era comandado por Mário Alves (diretor), Orlando Bonfim Jr. (redator-chefe) e Fragmon Carlos Borges (secretário). Os redatores eram Almir Matos, Rui Facó, Josué Almeida, Paulo Mota Lima e Maria da Graça Dutra. Gazzaneo era o chefe de redação. “Nacionalismo, democracia e socialismo” era o posicionamento de *Novos Rumos*, que defendia os interesses do proletariado segundo o marxismo-leninismo.

Novos Rumos tinha circulação nacional e servia ao projeto de comunicação do Partido Comunista Brasileiro (PCB), à época denominado Partido Comunista do Brasil. Mas era um órgão semi-oficial considerando que a redação teria — como teve — ampla liberdade de pauta. É considerado um dos mais importantes jornais da esquerda brasileira ao lado do *A Classe Operária*, do *Voz Operária* — a quem sucedeu — e do *Imprensa Popular*, todos fundados pelo PCB.

O chefe da redação era o responsável pelo fechamento do jornal. Além disso, Gazzaneo cuidava da parte internacional. O jornal, semanário, fechava às quartas-feiras e circulava às quintas, em todo o Brasil. A tiragem de *Novos Rumos* chegou de sessenta a setenta mil exemplares. “Era o ano dos comunistas”, exulta Gazzaneo. “Era um jornal interessante. Era um jornal que — depois que o partido reformulou a sua política, em 1958, na Declaração de Março, o partido deu uma mexida completa na área de comunicação.” O PCB tinha diversos jornais diários espalhados pelo país que davam uma despesa enorme e davam um resultado político muito pequeno. *Novos Rumos* passou a ser o porta-voz do partido; deixou de ser apenas um jornal teórico, como era a *Voz Operária*, e tornou-se um jornal de informação, mas com orientação política expressa nos editoriais.

No expediente, o endereço da Matriz, à Avenida Rio Branco, 257, 17º andar, sala 1712, telefone: 42.7344. A gerência funcionava no 9º andar, sala 905.

A data de capa da primeira edição de *Novos Rumos* era 26 de fevereiro a 06 de março de 1959. No editorial, *Nossos Propósitos*, as bandeiras do novo veículo.

Marieta de Moraes Ferreira, no verbete *Novos Rumos* do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil — CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas, lembra que,

O jornal surgiu durante a crise vivida pelo PCB como efeito da divulgação, em 1956, do “relatório secreto” de Nikita Krushev, secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, denunciando os fatos ocorridos no período stalinista. A revelação da violência e atrocidades praticadas por Joseph Stalin e por boa parte dos dirigentes do PCUS resultou em mudanças no partido e no afastamento de vários e expressivos militantes, como Agildo Barata e João Batista de Lima e Silva. No desenrolar dos debates para que se imprimisse um novo rumo ao comunismo nacional, a direção do PCB divulgou a chamada “Declaração de março de 1958”, manifesto político

que representava mudanças na linha de ação do partido ao sublinhar a necessidade de se criar uma frente única nacionalista para combater o imperialismo e lutar pelo desenvolvimento independente capitalista nacional e pela ampliação das liberdades democráticas.

[...] Circulando às terças-feiras, o semanário era impresso em formato standard, inicialmente em dois cadernos, que somavam em geral 14 páginas. Aparentava não se sustentar em publicidade comercial, já que publicava poucos anúncios, a maioria de livros da Editoria Vitória, ligada ao partido. Seu sustento vinha provavelmente do PCB e da venda de exemplares avulsos ou por assinatura. A tiragem chegou a sessenta mil exemplares, mas o número de páginas foi reduzido a oito. Em alguns momentos, quando os acontecimentos relativos à classe operária exigiam informações mais frequentes, o jornal circulou diariamente, como durante as greves gerais de 1962. (FERREIRA, 2001)

No editorial de primeira página, da primeira edição, o posicionamento do jornal, um everfescente veículo de ideias e de teses que, inicialmente, aparentemente conspiratórias, foram confirmadas pelos fatos. O editorial:

NOSSOS PROPÓSITOS

Este jornal surge da necessidade de assegurar ao pensamento de vanguarda da classe operária um órgão de decisão mais vivo e atuante, mais capaz, portanto, de participar e influir na grandiosa luta que trava o povo brasileiro pela emancipação nacional, a democracia e o progresso social.

Novos Rumos integra-se com entusiasmo e ânimo como ativo na frente unitária das forças nacionalistas e democráticas, que lutam por superar os obstáculos do desenvolvimento independente progressista do país: a dependência do capital monopolista estrangeiro, o atraso da estrutura agrária. Empenhamo-nos sinceramente na tarefa comum de forjar a unidade de todas as correntes patrióticas e populares, compreendendo que esta unidade é fator básico para a vitória do povo brasileiro sobre o imperialismo norte-americano e seus agentes internos.

No movimento nacionalista e democrático, *Novos Rumos* situa-se do ponto de vista dos interesses da classe mais revolucionária, o proletariado. Consideramos que a classe operária, incorporando-se à luta geral da Nação por seu desenvolvimento independente, tem, simultaneamente, o dever histórico de defender seus próprios interesses, mantendo sua independência no terreno ideológico-político. Cabe à classe operária a missão de impulsionar de modo consequente o movimento nacional e democrático e, após a realização dos objetivos fundamentais da atual etapa da revolução brasileira, conduzi-la para a concepção de objetivos mais avançados, para a vitória do socialismo. *Novos Rumos* abre suas páginas à luta pela unidade e organização do movimento operário, às campanhas em defesa das reivindicações de paz imediatas dos trabalhadores.

Frente aos problemas do mundo, *Novos Rumos* coloca-se ao lado das forças do progresso e da paz, ao lado dos países socialistas, dos povos libertados, da opressão imperialista e daqueles que ainda lutam, como nós, para quebrar as cadeias da dependência nacional.

Jornal do pensamento operário de vanguarda, *Novos Rumos* fundamenta sua apreciação dos acontecimentos nos princípios do marxismo-leninismo, única concepção revolucionária do desenvolvimento da sociedade que teve sua validade comprovada pelos fatos dos últimos cem anos. À luz dessa teoria que transforma o mundo, nos dispomos a interpretar a realidade de nosso país tendo em conta as suas particularidades específicas. Esperamos contribuir, deste modo, para a educação e o esclarecimento dos trabalhadores brasileiros, para a formação de sua consciência... Jamais fechar-se em atitude de isolamento sectário. O marxismo-leninismo é contrário, por princípio, a todo sectarismo por que aí transformações revolucionárias não são frutos da ação de pequenos grupos de líderes ligados às massas, e sim da atuação histórica das próprias massas. Em razão disso não pretendemos ser um jornal que interesse apenas aos comunistas. Desejamos que *Novos Rumos* possa levar o pensamento de vanguarda à círculos mais amplos dos trabalhadores e do povo.

A equipe que faz *Novos Rumos* não desconhece as dificuldades de toda ordem que terá que enfrentar para cumprir sua missão. Estamos

certos, porém, de que tais dificuldades serão vencidas, se contarmos com o apoio dos trabalhadores e do povo. Este apoio não significa apenas estímulo, ajuda e compreensão. Significa também a crítica santa e a opinião sincera.

O jornal *Novos Rumos* de Rui era, portanto, um veículo engajado a serviço de uma missão. Ele traduzia, sem ceticismo, a fé de que a conjuntura no cone sul era favorável a mudanças estruturais no modelo de gestão dos Estados nacionais, contra o inimigo externo comum, os Estados Unidos, e, internamente, contra a opressão de um incipiente e draconiano capitalismo e um Estado burguês opressor.

A Guerra Fria, bipolar, era o caldo ideológico extremado que fornecia o combustível para tanta determinação.

No editorial de *Novos Rumos*, edição de 1º de julho a 7 de julho de 1962, sob o título “Esmagar os golpistas e formar Gabinete que faça as reformas”, um recorrente posicionamento do jornal.

As forças da reação e do golpe, reconhecidamente ligadas ao imperialismo norte-americano e que, mais uma vez, já tentaram implantar no país uma ditadura entreguista, recrudesceram-se uma criminosa atividade contra o nosso povo e independência nacional. Desencadearam violenta ofensiva, que chegou a envolver altas figuras da Igreja como o Núncio Apostólico e o cardeal do Rio de Janeiro, com o objetivo de anular os aspectos positivos da política externa do governo. Tentaram, através de manobras sórdidas dentro do próprio conselho de Ministros, utilizando-se de “denúncias” forjadas sobre a atividade do embaixador de Cuba, levar ao rompimento de relações com o governo de Fidel Castro. Tendo à frente o bando do governador Carlos Lacerda, recorreram a processos terroristas uma tentativa de fechar a Exposição Soviética e criar contra as autoridades diplomáticas soviéticas um clima de provocações que levassem também ao rompimento de relações com a URSS. E intensificaram, como foi denunciado pelo General Osvaldo Alves, suas tramas golpistas no seio das Forças Armadas, conspirando contra a legalidade constitucional. Agrava-se, assim, a situação do país diante da ofensiva das forças da

reação e do entreguismo, as quais de novo ameaçam as conquistas e direitos dos trabalhadores e do povo e põem em risco a própria soberania da nação.

Ao analisar a crise política de agosto do ano passado e a constituição do governo Jango-Tancredo Neves, os comunistas denunciaram a solução de conciliação com o imperialismo e o latifúndio de apaziguamento com os golpistas que tinha sido dada à crise pelas classes dominantes. E mostraram, dessa maneira a solução encontrada trazia em seu próprio bojo elementos de nova crise. O Conselho de Ministros formado revelava-se incapaz de resolver os problemas fundamentais da nação. E isso exatamente por que ele nascia comprometido com *a exploração latifundiária e a espoliação imperialista*. Por outro lado, os golpistas, conservados em postos importantes do aparelho do Estado, particularmente nas forças armadas, continuariam suas articulações e manobras, aguardando apenas um momento oportuno para agir.

O cenário desenhado, aqui, era de pé de guerra e mostra bem o clima tenso, beligerante, conspiratório e de ruptura potencial entre classes. Mesmo assim, Rui defendia a negociação extrema e a convergência, como deixa claro neste texto de sua autoria em *Novos Rumos*.

O tema, Guerra Fria. O título *Nem se podia esperar mais* expressava o estado de espírito do autor em relação ao desfecho do encontro de Viena, Áustria, entre os chefes de governo da União Soviética e dos Estados Unidos, primeiro ministro Nikita Krushev e presidente John F. Kennedy.

O encontro de cúpula — *Vienna summit* — foi iniciado em 4 de junho de 1961 entre John Kennedy e Nikita Krushev. Durante os dois dias, Krushev denunciou o apoio de Washington ao que considerava “regimes velhos, moribundos, reacionários”. É possível, como querem alguns historiadores, que a cúpula de Viena tenha sido variável decisiva para Krushev pela construção do Muro de Berlim, pelo envio de mísseis para Cuba. Ele teria se convencido de que Kennedy — que derrotara Nixon no ano anterior — era inexperiente e tímido demais para uma reação consistente.

Rui escreveu:

Encerrou-se, como se esperava, sem nada de espetacular, o encontro de Viena entre os chefes de governo da União Soviética e Estados Unidos, primeiro-ministro Kruschiov [grafia adotada por Novos Rumos] e presidente Kennedy. O comunicado final das conversações de Viena é extremamente sumário. Enumera apenas os que foram objeto de debate – as provas nucleares, o desarmamento, o tratado de paz com a Alemanha.

O que há de mais positivo: a concordância em que o atualmente conflagrado reino asiático do Laos seja um país neutro e independente, e não como pretendiam os imperialistas, uma base militar da SEATO para contenção das liberdades dos povos da Ásia. E, por fim, o prosseguimento dos contatos pessoais agora reiniciados para discutir todos os problemas relacionados com a paz mundial e as relações entre as duas maiores potências: URSS e EUA.

Não é muito em relação com a multiplicidade e importância das questões internacionais pendentes, mas, como resultado inicial, depois de um agravamento das relações americano-soviéticas dos últimos meses, é alguma coisa.

Nem se podia esperar mais.

Não pode haver, por isso, decepção ou pessimismo, a não ser uma preconcebida atitude derrotista de porta-vozes dos círculos mais reacionários, dos partidários do prosseguimento da Guerra Fria e da própria deflagração da guerra.

O encontro de Viena veio reafirmar a possibilidade de manter a coexistência pacífica, de evitar a guerra mundial e até mesmo as guerras localizadas.

E, finalmente, a expressão de um credo:

[...] A vitória econômica do socialismo tem um reflexo direto e imediato na política internacional, proporcionando novas condições para a coexistência pacífica entre capitalismo e socialismo. O encontro Kennedy-Kruschev é uma prova disso. E quanto maiores forem os êxitos do socialismo, quanto

mais lutarem as forças empenhadas na conquista da independência dos povos coloniais e semicoloniais, maiores as garantias de paz no mundo.

Eis outro texto que reforça a formação e a convicção de Rui, também publicado em *Novos Rumos*, afinal, o próprio pensamento engajado da publicação.

O problema da terra, para o PCB, só lentamente foi sendo compreendido como um problema fundamental da revolução brasileira. O partido carregava, ainda, o peso de influências anarquistas, que só via o proletariado moderno, o operário da fábrica, sem pensar o quanto lhe era imperioso possuir aliados, numerosos e firmes, na sua longa caminhada para o poder. Aliás, com exceção dos social-democratas russos, os demais socialistas desprezavam o campesinato trabalhador.

No entanto, o marxismo-leninismo já possuía, elaborados, os princípios da aliança operário-camponesa, com os primeiros trabalhos básicos de Marx e Engels, desenvolvidos depois por Lênin em sua polémica com Plekhanov, que subestimava o papel das massas camponesas na revolução proletária.

No mesmo texto, Rui cita a doutrina do PCB em relação à luta operária e aos camponeses:

[...] segue-se a conclusão lógica da posição do Partido Comunista ante as massas camponesas: ‘Uma das mais importantes tarefas do PCB é tomar a direção da luta dos camponeses que se desdobra, e, para obtê-la, conseguir a sua confiança revolucionária, assegurando assim nas suas massas pobres e médias um aliado para a classe operária’.

E de maneira mais ampla e peremptória:

Somente colocando-se na direção dos camponeses pobres e médios, combatendo pela liquidação revolucionária das sobrevivências pré-capitalistas,

de seu apogeu. Fala das origens desses trágicos movimentos, da agressiva e brutalizante incompreensão das autoridades que rotulavam homens como ratos, chefes de família como criminosos, grupos famintos como bandos de malfeitores. [...] É possível que um ângulo novo tenha surgido com o livro *Cangaceiros e Fanáticos*, de Rui Facó. Ele buscou as origens e não se limitou a contar fatos ou justificar meios.

[...] Se um avião — antítese do primitivismo do agreste — símbolo de uma era de progresso, ceifou sua vida, resta-nos o consolo de saber que não tombou pela bala de um rifle, e rifle que não seria de um cangaceiro nem de um fanático. Seria, talvez, bala oriunda de uma das terríveis ‘volantes’.

O livro *Cangaceiros e Fanáticos* inspirou a peça *O Chão dos Penitentes*, de Francisco Pereira da Silva, que entrou em cartaz no Rio em 1965 e tratava da figura controversa de Padre Cícero.

Citando Rui Facó, Eduardo Guennes (*Diário Carioca*, 14 de julho de 1965), ao resenhar a peça, dá o *briefing* que orientou Pereira da Silva: “O sacerdote, apontado como milagreiro, conseguiu ser, por longo período, ditador de almas, chefe político local, vice-Governador do Estado, deputado federal eleito que se recusou a assumir a cadeira para não abandonar seu aprisco, tornou-se grande proprietário territorial, contribuiu decisivamente para fomentar a agricultura no Cariri e fundou uma cidade que, poucos anos mais tarde, seria a segunda do Estado, depois da Capital.”

O celebrado e profícuo Antonio Callado dedicou uma bela peça literária, em forma de resenha, a *Cangaceiros e Fanáticos*, por ocasião do lançamento da terceira edição do livro, em 1972. Na seção “Seleção do Mês” no influente caderno *Livro*, do *Jornal do Brasil*, de 30 de setembro de 1972, sob o título *A terra, lembrai-vos de Canudos*, Callado faz coro com Rui no problema agrário do Brasil, e carrega nas tintas.

É um belo momento:

Morto num desastre de avião em 1963 Rui Facó deixou, com seu *Cangaceiros*

e *Fanáticos*, um belo livro cumprindo sem dúvida a promessa, que a morte tornou incumprida, de outro livro, mas amplo, sobre as falhadas devoluções de tipo agrário no Brasil. O próprio Roteiro Cronológico com que Facó fecha seu livro constitui quase um programa de obra extensa, quando menciona, por exemplo, a luta do Contestado, que se inicia em 1912 e vai até 1915, com as mesmas características de sangrento extermínio, pelo Governo central, de lavradores carentes de terras. Porque Facó, sem ignorar, naturalmente, o elemento de fanatismo religioso que marcou Canudos, Juazeiro do Padre Cícero e o Caldeirão do Beato Zé Lourenço, expõe, com perfeita nitidez, a motivação reivindicatória desses movimentos. O próprio Antônio Conselheiro, canonizado mas esmagado pela catedral barroca que lhe construiu Euclides da Cunha, tem seu claro lado guerrilheiro, revolucionário. O Conselheiro, sem dúvida, acabou por aproximar-se mais do céu, diante das dificuldades de resolver o problema da terra. Mas, como escrevia *O País*, do Rio, em fevereiro de 1897, ele ‘começou açulando o povo a não pagar impostos.’ Euclides conhece todos os fatos e serve infinita compaixão pela sorte dos amotinados mas deixa-se fascinar por uma psicologia do monstruoso, do que chama de ‘estigmas degenerativos de três raças.’ Também Lourenço Filho, visitando o Cariri na década de 20, conclui que ‘certas condições biológicas levam ao banditismo’, quando as condições mais óbvias são as sociais. E verdade é que, a partir de Canudos, da dificuldade que teve o governo federal em desmontar Canudos, qualquer tentativa de reivindicação de terras no Brasil passou a ser arada a ferro e fogo. É um capítulo de nossa História que poderia chamar-se ‘Lembraí-vos de Canudos’, ou como ficaria mais na moda dizer-se, ‘*Remember Canudos*.’

Ainda ardiam as ruínas de Canudos e outros deserdados da terra já se reuniam em torno do Padre Cícero, em Juazeiro do Cariri. Padre Cícero foi até mesmo acusado, em 1897, de ajudar o Conselheiro. Juazeiro, graças ao seu lado religioso institucional, concentrado em Cícero Romão Batista, e graças ao escudo político forjado pelo Deputado baiano Floro Bartolomeu, aliado do Padrinho Cícero, nunca foi arrasado. Ao contrário, até hoje é alvo de romarias. Mas o grupo do Caldeirão, que teve uma origem em Juazeiro e que se congregou em torno do Beato Zé Lourenço, esse acabou de forma

clássica. Seu núcleo inicial foi arrasado em 1936 e incendiadas as casas dos lavradores desarmados. O grupo se recompôs e formou outra comunidade agrícola, adiante, arrasada em 1937 até por bombardeio aéreo. Os obstinados lavradores foram de novo fundar colônia em Pau de Colher, no interior da Bahia. Era demais. Uma operação de guerra, em janeiro de 1938, deu cabo de todos. Houve 400 mortos.

Ao desaparecer no seu desastre de 15 de março de 1963, Rui Facó julgava vislumbrar uma solução consciente e forte para o problema da terra no Brasil. Mas, no finzinho do livro, resignava-se à solução mais mole, mais nossa. Escreveu ele: ‘...da mesma forma como se pôs termo ao regime escravista, não obstante as inúmeras manobras, resistências e obstáculos opostos pelos senhores de escravos e ao apoio dado a estes pelo Estado, a marcha dos acontecimentos no Brasil e no mundo não mais se compadece com a estrutura agrária apodrecida que subsiste no país’. Isto mesmo. Faremos a última reforma agrária, como fizemos a última abolição. Nossos problemas fundamentais não são propriamente resolvidos. Gastam-se com o tempo, cansam-se de si mesmos. Acabam por desaparecer de puro tédio.

Otto Maria Carpeaux, em *A lição de Canudos, sempre atual*, um artigo datilografado presumidamente do início da década de 1970, que se encontra entre os papéis de Otto Maria Carpeaux, depositados na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, também faz referências a Rui Facó e seu estudo sobre Canudos.

Em seu maravilhoso artigo, com 9.482 caracteres, o emblemático Otto Maria Carpeaux, discorre sobre Canudos tendo Euclides da Cunha e Rui Facó como referências:

Todos, no Brasil, conhecemos Canudos. A rebelião dos sertanejos baianos, sob a chefia do sectário místico que se chamava Antônio Conselheiro, sacudiu fundamentos os primeiros anos da vida republicana do País. É um dos episódios mais fascinantes da história brasileira e sobre este tema foi escrita uma das obras-primas da literatura nacional: *Os Sertões*, de Euclides

da Cunha, que assistira às expedições militares contra aqueles fanáticos, notando como aqueles homens violentos, ignorantes, bárbaros chegaram a perturbar a pacata vida provinciana do Brasil de 1897, assustando os burgueses, os bacharéis, os poetas e até os oficiais do Exército.

Sobre os fatos de Canudos existem muitos livros e inúmeros estudos esparsos. Cada geração, das que se sucedem, encontra algo de novo naquela história impressionante. Nossa época atual também é capaz de encontrar algo de inusitado naquele acontecimento: um aspecto que antes não se tinha percebido. Canudos é, novamente, uma atualidade.

[...] Euclides da Cunha tinha estudado os aspectos geográficos e raciais de Canudos. Um estudioso de nossos dias, Rui Facó, examinou os aspectos sociais de Canudos: os fatores que não são imutáveis, mas que a história criou no passado e que, por isso, a história do futuro poderá modificar ou mesmo abolir. Quais foram esses fatores sociais de Canudos?

Os historiadores brasileiros costumam zombar da incrível ignorância desse chamado Antônio Conselheiro, desse sectário que chefiava os sertanejos de Canudos: pois em 1897, oito anos depois da proclamação da República, o homem ainda não queria tomar conhecimento dela e teimava em professar sua lealdade ao para ele ainda Imperador D. Pedro II. Mas, se olharmos mais de perto para a realidade de então, perceberemos que o homem tinha razão: a República não tinha, para os sertanejos, mudado nada, e o Brasil, sob um presidente da República, era o mesmo Brasil do Imperador, continuando os sertanejos dominados pelos mesmos latifundiários. O Brasil oficial negava, indignado, esse fato. Só um analfabeto poderia pensar assim. Acontece que os latifundiários, eles próprios, também pensavam assim. Pois quando os sertanejos de Canudos começaram a reunir-se em torno de seu chefe de seita, o major proprietário de terras da região, um típico barão-feudal, retirou dali sua família e seus pertences. O barão já parecia ter percebido o que Rui Facó nos ensina hoje: que o misticismo sectário de Canudos era a expressão da esperança de acabar com a miséria que há séculos oprimia os camponeses brasileiros e que continua a oprimi-los. Homens ignorantes e supersticiosos como aqueles, não sabiam nada de reivindicações

sociais. Esperavam da Igreja a redenção, e quando os bispos e vigários, ligados às classes dominantes, não ouviram o grito de desespero, os sertanejos de Canudos separaram-se da Igreja, tornando-se sectários. O verdadeiro motivo dos movimentos rebeldes nos campos brasileiros é a estrutura da sociedade brasileira. Essa estrutura não é um fato da Natureza ou da Raça, que seria imutável. Foi criada pelos homens no passado e poderá ser modificada pelos homens, no futuro. Basta que se queira. Mas se queira de maneira adequada.

Otto Maria Carpeaux destaca uma variável contemplada por Rui, o aspecto tático militar operado em Canudos:

Como modificar a estrutura da sociedade brasileira, se ela é protegida e garantida pela política, pelas forças armadas, pelos grupos conservadores e por todos os poderes públicos?

Isso também nos ensinou Antônio Conselheiro. Mas só hoje começamos a compreender sua lição. É uma faceta de Canudos que até os dias que correm nunca foi devidamente apreciada: o aspecto tático militar.

Como começaram as coisas? Os sertanejos de Canudos estavam, por volta de 1895, pacatamente reunidos em seu reduto, apenas trabalhando para seu sustento e o dos seus. Mas é isso que homens como o então barão de Jeremoabo não toleram: pois querem que os camponeses trabalhem para o sustento dos barões, como hoje os grandes proprietários de terras querem que os camponeses trabalhem para o seu sustento. Surgiram, então, boatos de violências perpetradas pelos sertanejos e boatos da natureza perigosa das superstições que eles professavam; assim como, ainda hoje, surgem, a toda hora, boatos de rebeldia, de “atos de terrorismo”, e da periculosidade de “ideologias exóticas”. Então, as autoridades resolveram agir.

A terceira edição de *Cangaceiros e Fanáticos* colocou o livro na lista dos mais vendidos no Rio de Janeiro durante muitas semanas, segundo atesta a imprensa local.

O *Jornal do Brasil*, de 19 de agosto de 1980, noticia, em sua

página 9, na seção Livros & Autores, uma nova reedição de *Cangaceiros e Fanáticos*, num convênio da Editora Civilização Brasileira com a Universidade Federal do Ceará — UFC.

Uma nova edição de *Cangaceiros e Fanáticos*, a décima edição, foi publicada em 2008, pela Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, dirigida por Carlos Nelson Coutinho. A edição tem apresentação da professora Leonilde Servolo Medeiros que reconhece, dentre outras coisas, que “Rui Facó foi um desses construtores da imagem do campesinato brasileiro: um homem de seu tempo, profundamente mergulhado nos debates de sua época.”

Medeiros também reconhece “o caráter singular e seminal” do pensamento de Rui Facó. “A concentração da propriedade da terra aparece para o autor de *Cangaceiros e Fanáticos* como chave interpretativa essencial”. O estudo destaca e valoriza o caráter original de Rui Facó, sua visão alinhada à perspectiva dos insubmissos, esses representados pelos “pobres do campo”, replicando uma expressão de Lenin.

No entanto, ela considera que, do ponto de vista teórico, “a interpretação de Facó está superada” embora “do ponto de vista político, ela ainda faz, de alguma forma, eco”. A base da crítica são as categorias de análise do historiador inglês Edward Thompson difundidas no Brasil a partir dos anos 1980. É como se o bóson de Higgs tivesse desautorizado as teorias fundadoras de Albert Einstein. Nenhuma categoria nova de análise pode descontextualizar o homem do seu tempo. Rui Facó, dialético e visionário na sua abordagem sociológica original e à frente do seu tempo não é categoria superável mas, simplesmente, categoria a partir da qual se pode evoluir e dialetizar. Esse grau de “precisão” econométrico atribuído a Thompson é bem mais uma servil obediência colonial, tão combatida por Rui.

Em 2014 foi lançado o livro *Intérpretes do Brasil — Clássicos, rebeldes e renegados*, organizado por Lincoln Secco e Luiz Bernardo Pericás, professores de História da Universidade de São Paulo.

Rui Facó é um dos perfis do livro, em ensaio assinado por Milton Pinheiro.

Pinheiro dá relêvo à visão dialética de Rui, ele próprio,

uma síntese bem construída desse tipo de intelectual que interpreta o momento histórico do povo brasileiro com base nas premissas que envolvem as transformações sociais.

Mas conclui que “ele transformou-se em um desses intérpretes do Brasil, ‘desaparecido’ pela lógica oficial da irracionalidade acadêmica”, remetendo para Leonilde de Servolo Medeiros, como se Rui Facó, na visão desta, inspirada por aliens, concluo eu, precisasse de um *recall* nos moldes da indústria automobilística.

Consolidando o título da coleção em pauta, Pinheiro afirma que “Rui é um dos primeiros intérpretes do Brasil”. O artigo dedicado a Rui Facó (páginas 117-127) traça um ágil perfil e conclui que

quando os tempos atuais encontrarem o seu caminho para uma nova sociabilidade, e a verdade sobre os acontecimentos sociais for escrita, lá teremos Rui Facó como historiador das lutas que construíram a nação no seu processo de emancipação.

O pesquisador Ralph Della Cava dedica a Rui Facó, dentre outros, seu excepcional ensaio *Milagre em Joazeiro*, publicado originamente em 1977 e reeditado em 2014, pela editora Companhia das Letras.

Sobre Rui, um depoimento a este autor, do renomado *brasilianista* Ralph Della Cava:

Cangaceiros e Fanáticos é um livro provocante. Merece ser lido — mesmo pelos que talvez discordariam com o seu quadro analítico e as conclusões audazes. Eu o descobri em Fortaleza logo depois da minha chegada em

setembro de 1963 e no início da minha pesquisa sobre o Joaseiro. Fiquei empolgado por sua estimulante visão sobre o desenvolver da economia de Joaseiro e do Vale do Cariry. Aproveitei deste ‘insight’ do Autor para arguir no meu livro, *Milagre em Joaseiro*, de que a economia local e regional era plenamente integrada no sistema capitalista do país e do mundo.

E, do mesmo modo, a política local que se apoiava no crescimento de Joaseiro fazia parte e parcela da política da nação. E, enquanto ao movimento religioso, provocado por um suposto milagre, e o qual estimulou a transformação de uma aldeia na segunda maior e mais rica cidade do Ceará, ele também se integrava no mundo e estruturas internacionais da Igreja Católica.

Numa palavra, Joaseiro não era marginal à história do Brasil, como muitos de seus adversários afirmavam. Diria que pela leitura de *Cangaceiros e Fanáticos* consegui “pular” bem além das minhas propostas originais. Foi a razão que inclui o Rui Facó — mesmo não o conhecendo pessoalmente — entre outros escritores e amigos na dedicatória do meu livro.

Uma fonte relevante na obra de Rui Facó é o escritor cearense Abelardo Fernandes Montenegro. Rui cita, em suas “Referências Bibliográficas” de *Cangaceiros e Fanáticos*, dois estudos importantes deste autor, *História do Fanatismo Religioso no Ceará*, de 1959, e *História do Cangaceirismo no Ceará*, de 1955. Como nos lembra Gildácio Almeida de Sá, estudioso da obra de Montenegro, esses dois exaustivos e minuciosos ensaios mais um outro, *Antônio Conselheiro*, escrito em 1954, foram “enfeixados”, em 1973, num único volume, sob o título *Fanáticos e Cangaceiros*. Em 2011, foi lançada a segunda edição, com revisões feitas pelo autor. Em muito, a visão de Rui concide com a de Montenegro. Em *História do Cangaceirismo no Ceará*, Montenegro conclui, após inserir o sertanejo no seu contexto de miséria estrutural:

O cangaceiro não podia deixar de ser, portanto, fruto da injustiça social. Era o protesto violento contra a ordem social sertaneja.

Mas o título *Fanáticos e Cangaceiros* (1973), estabelece, certamente, uma relação freudiana com *Cangaceiros e Fanáticos*, de Rui Facó, embora Montenegro não faça nenhuma referência a este autor, mesmo em suas atualizações posteriores a 1963, quando *Cangaceiros e Fanáticos* já havia sido lançado. Mas Montenegro está dentro da obra de Rui, citado e creditado. Rui vê em Montenegro uma interpretação extremamente enfática dos fenômenos regionais nordestinos, insurreitos, ancorados pelo latifúndio. É possível que o título invertido de Montenegro seja uma tentativa de chamar a atenção para si de parte relevante de Rui já que esta recebia aplausos da crítica nacional, numa celebração *post-mortem* do autor.

A obra de Montenegro decorre de minuciosa pesquisa, arguta, e escrita em estilo primoroso ao nível dos melhores ensaístas contemporâneos.

Em 1927, “o Ceará era considerado o quartel-general do cangaço”, como relata Rui, em *Cangaceiros e Fanáticos*, citando Montenegro, que se reporta ao episódio publicado no jornal *O Diário da Manhã*, e registrado em *A História do Cangaceirismo no Ceará*, de Montenegro.

— Onde está lampião agora?

— Na casa dele.

— Onde é a casa dele?

— O Ceará. Creia, meu amigo, o Ceará está desgovernado. O cangaceirismo chegou ao seu auge. Pratica-se o cangaço como se pratica uma profissão rendosa. Há poucos dias foram atacados fazendeiros no vale do Jaguaribe, perdendo todos os seus haveres. Outros bandos saqueiam, roubam, depredam. A propriedade não é reconhecida. O Ceará atravessa uma das fases mais tristes de sua história.

Rui, em *Cangaceiros e Fanáticos*, encerra o diálogo aqui. Montenegro, em *Fanáticos e Cangaceiros*, continua:

— Afinal, até onde iremos, coronel, com esse estado de coisas?

— Até quando quisermos. Se não houver providências por parte do Governo, levantaremos no Rio Grande do Norte de mil a dois mil homens e invadiremos o Ceará, enxotando de lá todos os responsáveis, até o presidente, Padre Cícero, e os chefes do cangaço.

Montenegro dá como referência de sua citação a edição de 11 de outubro de 1927 do jornal *O Ceará*.

Pela leitura de Montenegro, imagino que tenha sido bem influenciado aqui, na consolidação das duas palavras chaves do seu livro clássico, “Cangaceiros” e “Fanáticos”. Só não entendo a motivação de Montenegro ao decidir pelo título *Fanáticos e Cangaceiros* para seu livro-coletânea. Uma homenagem a Rui? Pouco provável. Um diálogo com Rui? Quem sabe.

Ao bibliófilo erudito, circunspecto, de consistente formação e farta prática intelectual expressa em vasta produção literária, acadêmica e ensaística, não se pediria uma expressão pública de qualquer dissenso. Acho, porém, que há um hiato freudiano na antítese do título considerando, ainda mais, o *delay* da publicação.

A despeito de ter Montenegro como uma das inúmeras referências, o título de Rui saiu em 1963. E o título *Fanáticos e Cangaceiros*, de Montenegro, enfeixando os textos anteriores a 1963, e incluindo outros posteriores a esta data, saiu somente em 1973, dez anos depois de *Cangaceiros e Fanáticos*.

Curiosamente, a única, virulenta e superficial crítica a *Cangaceiros e Fanáticos* — um livreto, sentencia o crítico — veio de um cearense, o jornalista e escritor Lira Neto, num apressado artigo publicado no jornal *Diário do Nordeste*, de 9 de setembro de 2010. Pare ele,

[..] data dos anos 60 do século passado um livreto de poucas páginas e de ideias ainda mais ralas. Superestimado durante muito tempo, “Cangaceiros e

Fanáticos”, de Rui Facó, tornou-se uma espécie de bíblia engajada para os “estudiosos” do tema, ao pregar que o cangaço era “um exemplo de insubmissão” e “um passo à frente para a emancipação dos pobres do campo”.

Acometido de uma síndrome de Agripino Grieco, Lira Neto não economiza também em relação ao escritor “historiador norte-americano [sic] Eric Hobsbawm” que, segundo ele, “conferiu certo verniz intelectual ao que, no fundo, nunca passou de um atestado de miséria teórica”.

Uma leitura apressada e, mais ainda, equivocada, como se vê.

ARMÊNIO GUEDES

De todos os amigos e acompanhados de Rui, o mais longo e o que o acompanhou por mais tempo foi Armênio Guedes, baiano, jornalista, membro histórico do PCB e irmão de Julia Guedes, mulher de Rui Facó e mãe do seu único filho, Paulo Guedes Facó. Paulo casou com Giuseppina Blumetti Facó, italiana, química, e teve dois filhos, um homem e uma mulher. Paulo era engenheiro mecânico, trabalhou na Volkswagen do Brasil e participou do projeto de desenvolvimento e lançamento do carro Brasília. Paulo e Giuseppina casaram-se no dia 4 de outubro de 1973 (cerimônia civil), e em 6 de outubro de 1973 (cerimônia religiosa).

Paulo já vinha do primeiro casamento com Piedad Romero-Leroux, mas não tiveram filhos.

Paulo e Giuseppina conheceram-se na Volkswagen do Brasil. “Eu entrei nesta empresa em 1º de fevereiro de 1971 e o Paulo em 2 de março do mesmo ano. Trabalhávamos no mesmo setor, o de Engenharia no Setor de Técnicas de Medição, eu como engenheira química e ele engenheiro mecânico”, conta Giuseppina. “Tínhamos um relacionamento ótimo, bastante afetuosos.” Paulo tinha os olhos negros, 1,70m de altura, ombros largos, cabelos castanhos escuros. Do casal nasceram dois filhos: Júlio Francisco Blumetti Facó (nascido em setembro de 1976) e Helena Cristina Blumetti Facó (nascida em janeiro de 1980).

Assim que entrou na Volkswagen do Brasil, em 1971, a empresa

era chamada Fábrica II, e estava situada na Vila Carioca, Ipiranga, São Paulo, local onde se concentrava todo o departamento de Engenharia da VW no Brasil.

Entre 1980 e 1981, a Engenharia da Volkswagen mudou para as novas instalações construídas na Fábrica I, como era chamada na época, situada, até os dias de hoje, no quilômetro 23,5 da Via Anchieta, em São Bernardo do Campo, São Paulo, região do Grande ABC.

Armênio conheceu Rui em 1936, quando este chegou a Salvador para cursar o segundo ano de Direito, já que o primeiro ano ele cursou em Fortaleza. “Eu o conheci na faculdade, apresentado por companheiros. Ele veio do Ceará, foi para a Bahia, onde tinha um grupo de intelectuais de esquerda. A faculdade tinha uns quarenta jovens comunistas, militantes que se reuniam, durante o ano de 1935. Já no ano de 1936, depois do movimento de 1935, isso diminuiu bastante, obviamente. Havia uma ascensão do integralismo”, lembra Armênio Guedes.

O Secretário de Segurança do governador Juracy Magalhães era o então capitão João Facó, tio do Rui, irmão da Antonieta, mãe de Rui, e também irmão do general Edgard Facó. O Juracy Magalhães era governador, interventor da Bahia. Conta Armênio: “Então eu conheci o Rui já como colega e companheiro de partido, militávamos juntos, tínhamos um núcleo grande na faculdade. A Faculdade de Direito era o maior núcleo do partido na Bahia, havia uma outra célula grande na Faculdade de Medicina e pouca coisa na Escola de Engenharia. Eram faculdades autônomas; a universidade da Bahia só ganhou forma nos anos 1960, final de 1950. Até então, eram três faculdades. Fazia parte do grupo comunista o Edison Carneiro, que foi antropólogo importante; tinha a Julia, minha irmã, que era do partido; tinha o Clóvis Amorim. Nós éramos um grupo de intelectuais de esquerda que se via quase todos os dias. Foi nesse ambiente que eu conheci o Rui; o partido estava se articulando, o Juracy tinha uma posição boa em relação ao combate ao integralismo, então isso facilitava um pouco a nossa vida

na legalidade. Tinha mais facilidade para trabalhar do que em outros estados: Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo eram muito violentos. O Rui, logo que chegou na Bahia, continuou sua militância muito ligada ao jornalismo, que exercia não só profissionalmente.”

Rui começou pouco tempo depois a trabalhar nos *Diários Associados*, primeiro no *Estado da Bahia*. “Era o jornal bom da época, digamos que era o jornal de esquerda, tinha uma grande quantidade de comunistas trabalhando lá na época”, lembra Armênio.

Armênio começou a se interessar pelo partido ainda no Ginásio, mas só se filiou quando estava na faculdade, em 1935. “Eu era muito integrado. Depois da derrota de 1935, nós ganhamos as eleições, em 1936, da Associação Universitária da Bahia — AUB e a Associação tinha um jornalzinho onde ele trabalhava. Alves Ribeiro também era um outro intelectual baiano, inteligente, crítico”, conta Armênio. Depois do Golpe de 1937, quando o Rui foi preso, a amizade ficou mais estreita ainda. “Nós ficamos muito amigos, tão amigos que ele acabou namorando minha irmã, Julia.”

Depois fizeram algumas revistas. Armênio era mais militante comunista, Rui era mais intelectual militante, um comunista jornalista, formulador, ideólogo. Ele era muito ligado aos intelectuais baianos como a um psicanalista, Isaiás Paim, a quem ajudou muito a fazer a revista *Flama*. “Rui trabalhou na *Flama*, depois trabalhou na *Seiva*, foram várias situações, só sei que ele estava sempre fazendo qualquer coisa em imprensa”, diz Armênio.

“O Rui era um excelente repórter.”

Numa reportagem publicada no *Jornal do Brasil*, de 21 de maio de 1980, Armênio é apontado como o introdutor do pensamento do teórico comunista italiano Antonio Gramsci, no Partido Comunista Brasileiro e, obviamente, no Brasil. Agora, numa revisão, defende para os comunistas “uma postura adaptada à realidade do país desde os tempos de redator do jornal *Novos Rumos*, que circulou até 1964.”

Segundo Armênio, “cabe ao PCB buscar uma alternativa que

não passe pelo modelo revolucionário soviético. Em vez disso propõe que os comunistas formem uma agremiação de massa que pratique a democracia interna.”

Na edição do suplemento literário do *Jornal do Brasil*, de 29 de janeiro de 1961, lê-se “Além de um documentário sobre a participação de Kruschov na última assembleia geral das Nações Unidas, a Editora Vitória lançou a tradução de uma obra clássica de Engels e o ensaio de Rui Facó — *Brasil Século XX*, no qual a situação atual do país é apreciada do ponto de vista da corrente política e ideológica a que pertence”.

No jornal *Nossa Voz*, da comunidade judaica, edição de 12 de janeiro de 1961, Astrojildo Pereira debruça-se, mais uma vez, sobre o livro *Brasil Século XX*. “É seu primeiro livro, mas livro maduro, de rico e substancioso conteúdo e de escrita sóbria, acessível a qualquer leitor”. E, mais adiante: “é obra baseada em copiosa documentação, não a documentação pura e simples, a documentação em grosso, mas aquela que resulta de uma adequada seleção crítica.”

No jornal *Nossa Voz*, o sociólogo Moisés Vinhas lamenta em artigo que Rui “[...] poderia ainda realizar tanto! Por isto afirmamos que o desaparecimento de Facó constitui uma lacuna para nós, para o povo, para a nação e para a humanidade.”

Diz Vinhas:

Uma estrada guiava Rui: o amor ao povo, às suas coisas, por suas lutas, suas esperanças, seu futuro.

A interpretação marxista da formação das classes, a caracterização da atual superestrutura em desenvolvimento nos seus aspectos universais, particulares e complexos, ele os ensaiou de modo feliz para ele e para nós.

Rio, 21.I.1952.

Papai, mamãe, Ana, Eurípedes, Maria do Carmo, Valda e Heitorzinho.

Aqui novamente, depois de quase um mês entre o Ceará e a Bahia. Vocês devem ter recebido a carta que escrevi de Salvador e na qual dizia das dificuldades na obtenção dos passaportes. Mas, finalmente, tudo se resolveu e podemos embarcar para o Rio no dia previsto, 17.5a.-feira. Não só eu, como a Júlia e o Paulo aproveitamos bastante as férias. Todos engordamos um pouco, embora seja difícil descobrir diferenças. Sentimo-nos mais fortes, mais saudáveis e retemperados com os banhos de mar, de sol e o descanso desta vida intensa que se leva aqui.

Ainda não vi o Gustavo. Ele tem aparecido a amigos nossos e está bem de saúde. Espero comunicar-me com ele ainda hoje, pois sei que está ansioso por notícias de Beberibe.

Parece que ainda vamos demorar algumas semanas aqui antes de embarcar para a Europa. Neste caso, podemos continuar a nos corresponder normalmente, devendo as cartas de vocês serem enviadas para o mesmo endereço - Rua General Glicério, 440, apartamento 1202.

Esta semana ainda começarei a remeter livros para vocês, Luiza e Laís. Quero que acusem sempre o recebimento, para eu poder fazer as reclamações no Correio, quando necessário.

Ana: os objetos da arte popular beberibense - o soldado com acarabina, o general a cavalo, o soldado a cavalo, os animais com caçuás - estão fazendo sucesso. Tudo chegou quase perfeito. Apenas o general quebrou uma perna e o soldado a cavalo um dos braços. O mais chegou perfeito, inclusive as moringas e o cofre do Paulo. (Só as moringas e o cofre chegaram para o Paulo; o mais foi colocado como ornamento na nossa sala).

Então, o Pedro já escreveu? Logo que o faça, mandem-me as suas notícias. aguardo também cartas de vocês. E aqui ficam as saudades e os abraços do

Rui

Carta de Rui para seus familiares, em Beberibe, datada de 21 de janeiro de 1952. Escrever cartas era algo regular.

CAPÍTULO DOIS

O COMEÇO

Uma origem rural

Rui Facó nasceu em 4 de outubro de 1913, em Beberibe, no litoral leste do Ceará, a 73 quilômetros de Fortaleza. Um menino de engenho, filho de Gustavo Facó e de Antonieta, primos legítimos, como era costume nos sertões, onde as famílias mais tradicionais não se permitiam misturas. Assim como preservavam os traços sanguíneos, preservavam os nomes, repetidos em profusão. Gustavo era filho de Gustavo Francisco de Queiroz Facó e de Maria Francisca da Cunha Facó, e Antonieta, filha de João Balthazar Ferreira Facó e de Francisca Ferreira Facó.

Rui era o mais velho de extensa prole. Plínio e Pedro, os irmãos seguintes, migraram para a Amazônia, em busca de melhores dias, de onde nunca mais retornaram. Morreram, provavelmente, vítimas de doenças tropicais, como a febre amarela.

Gustavo, o quarto filho, chamado “Itá”, migrou para o Rio de Janeiro, onde anos depois, seria interlocutor, convivência e tiete de Rui durante anos. Depois nasceram Heitor, Eurípedes, Paulo e outro Paulo que morreu ainda bebê, Maria do Carmo, também morreu criança, Maria Antonieta, Ana e o mais novo, Hélio que, ainda jovem, morreu

de câncer, em Fortaleza, embora tenha deixado duas filhas. Ana, a penúltima, tinha uma relação intensa de amor e profunda admiração por Rui. Nascida no dia 22 de julho de 1926, ela guarda detalhes de Rui de modo extremamente passional. Ana morreu em 2012 depois de longa e sofrida convivência com o mal de Parkinson.

Ana Facó falava com ênfase, voz um misto de grave e suave, bem pontuada, límpida.

— Ele era uma pessoa maravilhosa. Eu era completamente apaixonada por ele. E acho que um homem não podia ser mais tudo do que ele era. Muito gentil, muito interessado no que a gente estudava. Ele era fora de série.

Rui era todo manso. Aos olhos de Ana, exercia autoridade com ternura. “Sabia ser positivo, mas era todo manso”, lembra. Esbelto, caminhando a passos curtos mas precisos, elegante, já na juventude gostava de ternos de cortes perfeitos, de linho, em tom cinza claro. Cabeleira rala, sua calvície foi se aprofundando da frente para trás chegando a ser marcante já aos trinta anos.

Ana era a irmã do coração de Rui. “Ele gargalhava, dava umas risadas gostosíssimas. Quando estávamos com as nossas primas Luiza e Laís — que tinham sido meninas de infância junto a ele em Beberibe — era uma coisa incrível... A risada dele era a coisa mais linda.” Grave, profunda.

A casa grande de Gustavo fora construída no Beco das Almas, apelido para a Rua João Balthazar, na pequena Beberibe dos anos 1930. Era a casa número um. A área construída é de 220 metros quadrados e fica no extremo norte da rua. O terreno lateral é de pouco mais de trezentos metros, mas com uma enorme profundidade, chegando mesmo a se confundir com a região de várzea do rio Choró a cerca de dois quilômetros, a várzea Guaiaiá. Na estação de chuvas grande parte do terreno virava um brejo só.

A cidade de Beberibe ficava ilhada até os anos 1960, quando foi construída a estrada alta, o asfalto rasgando a mata baixa e dando

acesso à civilização a custo de um desvio de alguns quilômetros da região alagada da vazante do rio Choró, lugar adequado para salinas, espreado por detrás de dunas e de rala vegetação de muricizeiros e cajueiros que a separavam do oceano Atlântico.

Mais próximo da casa, o Corrente Casa Grande também tinha suas enchentes. Ele nasce no sítio Bom Jardim, e corta a cidade de Beberibe.

Principalmente no inverno dos anos 1930 até os anos 1950, a viagem a Fortaleza era uma pequena aventura. Era preciso ir a cavalo até Cascavel e, então, pegar um ônibus para Fortaleza. A viagem a cavalo era pela várzea alagada do rio Choró. Quando o rio estava alto, era preciso usar uma canoa para chegar ao solo do Choró, em Cascavel, a que Beberibe já pertencera, anos antes. A viagem de Cascavel para Fortaleza demorava quase um dia.



Depois do primogênito Rui, veio Heitor de Queiroz Facó, nascido no dia 4 de março de 1918. Só após os trinta anos Heitor deixou a cidade, foi para Fortaleza trabalhar no Departamento de Correios e Telégrafos, com um salário mensal de dois contos de réis. Dava para viver. Foram trinta anos sem fazer nada, poucos estudos e trabalhos domésticos como, por exemplo, ir comprar peixe na praia de Morro Branco, cavalgando, acompanhando o pai. “Minha mãe era uma santinha. Quando eu chegava, ela ia bater os ovos para eu tomar gemada. O papai, quando chegava do cartório, ela ia fazer alguma coisa no fogão a lenha, porque naquele tempo era fogão a lenha.”

Muitas vezes Gustavo ia a Morro Branco a pé, caminhava os quatro quilômetros até a praia, porque seu animal de cavalgar estava cansado. “Ele era grandioso. Um coração grande que dava a última gota de sangue por qualquer um dos seus filhos”, lembra Valda Facó, filha de Heitor, neta de Gustavo mas, na verdade, criada por este a quem

chama de papai. “Eu só dormia com ele sentado na beirada da minha rede, contando-me histórias ou fazendo-me cócegas na barriga com o bigode e eu lembro que doía. Ele dizia: ‘vai lá para o teu cantinho’. Ele [Gustavo] nunca me bateu; mamãe [Antonieta] é que de vez em quando dava uns cocorotes.”



A casa de Rui tem uma acústica incrível. No vão principal, um oitão de mais de vinte metros coberto com telhas brancas sobre estrutura de caibros e vigas de carnaúba. Debaixo dele estão a sala de estar, com duas portas de entrada, uma na frente e outra na lateral, uma sala de leitura, onde ficava o enorme rádio de válvulas e um relógio de parede alimentado a corda e, em seguida, a sala de jantar, ponto de encontro da família para fartas conversas sempre regadas a risos e certas ironias.

A casa tem duas alas paralelas, nas extremidades de cada lado, parte delas construída com dinheiro que Rui mandou. Uma espécie de anexo, um anexo norte e um anexo sul, simétricos.

Na ala norte estavam três quartos. O primeiro, com janela dando para a frente da casa, era de Gustavo e Antonieta. Além disso, uma grande penteadeira e um santuário em madeira replicando a arquitetura gótica com uma Nossa Senhora em estilo barroco ao centro.

As meninas ficavam no quarto do meio e os meninos dormiam nas salas. Depois da reforma veio a água encanada e o banheiro foi transferido de fora para dentro da casa. A água era bombeada para a caixa, uma construção externa à casa, de onde escoava por gravidade.

Antes do asfalto, a estrada vicinal confundia-se com o lamaçal de maré alta e das chuvas. O ônibus *pickup* — chamado misto — só atravessava o Choró, que divide Cascavel de Beberibe, quando o rio estava baixo, numa região já próxima à foz. Não raro o ônibus atolava. Muitas vezes chegava à cidade recoberto de lama. Com ele vinha parte

do contato civilizado de Beberibe com o mundo, jornais, revistas e as cartas. A energia elétrica só chegou ali na segunda metade dos anos 1960 — o motor, na Casa de Força do município, era ligado às seis horas e desligado às dez. O rádio era o único meio de comunicação eletrônico.

Depois que Rui saiu de Beberibe, para estudar, as cartas passaram a ser o grande canal de comunicação entre ele, Ana e a família. O percurso começa por Fortaleza, depois Salvador, Rio de Janeiro, Praga e Moscou.

Em Fortaleza, Rui estudou no Liceu do Ceará, no antigo prédio da Praça dos Voluntários, onde funcionou depois, nos anos 1980, a Secretaria de Segurança. Ali foi contemporâneo de José Maria de Queiroz bem como no curso de Direito da Universidade do Ceará.

José Maria de Queiroz, juiz e desembargador, nasceu no dia 11 de junho de 1914, no sítio Lucas, em Beberibe — “todos nós nascemos lá, com uma parteira do mato” —, filho de João Queiroz Ferreira com Migueline de Castro Ferreira, donos de fecunda prole. “Eu não tive muito contato com ele depois que ele [Rui Facó] deixou a faculdade”, conta Queiroz, que entrou na faculdade em 1934 e concluiu em 1939. Rui cursou no Ceará um ou dois anos apenas. Logo mudou-se para Salvador onde seu tio, João Facó, era secretário de polícia, amigo do poderoso Juracy Magalhães.

Em Fortaleza, Rui morava na Praia de Iracema, na Rua dos Tabajaras, com duas tias, irmãs do pai dele. A casa das tias ficava no fim da linha do bonde elétrico.

Rui era pouco mais alto do que José Maria, este com 1,73m. Era corado, nariz adunco, com entradas indicando uma calvície por vir.

A rotina no Liceu naquele início dos anos 1930 era pela manhã. A farda cáqui. Calça comprida, meias brancas e sapatos pretos. “Estudávamos Ciências, Geografia, História e Sociologia com o professor Jáder de Carvalho; Latim, com o professor Hermínio Araújo e o padre Quinderé; Português, com o professor Martins de Aguiar e Otávio Farias; o professor de Física era um médico carioca chamado Roberto

Lisboa; ele era professor catedrático no Liceu e era do Colégio Militar; ensinava Física no Liceu e História Natural no Colégio Militar”.

Na Faculdade de Direito, os professores eram Meneses Pimentel, Eduardo Henrique Girão, Andrade Furtado, Antônio Furtado, Mauro Costa, Dolor Barreira, Gustavo da Costa Braga e Eduardo e Silva.

Graduado, José Maria fez concurso para juiz e foi para um lugar chamado Cachoeira, hoje, Solonópole, no sertão do Ceará, onde passou dez meses, depois pediu remoção para Cariré, ao sul de Sobral. De lá, foi para Jaguaratama e depois para Jaguaruana. Sua primeira promoção foi de Jaguaruana para Tauá, onde ficou um ano. Daí foi para Senador Pompeu onde ficou dois anos. Depois foi para Lavras, dois meses, seguindo para Iguatu onde ficou um ano e foi comissionado como corregedor no Crato, onde passou um ano e, então, foi para Fortaleza no fim de 1955. Foi promovido a desembargador, em 1956, ingressando no Tribunal de Justiça. Em 1965, pediu aposentadoria porque entrou em vigor a Lei Orgânica da Magistratura que dava benefícios inferiores aos magistrados, em comparação à lei anterior. “Então, eu adiantei em cinco anos a minha aposentadoria para não ser atingido por essa lei”, conta José Maria.

Quando o capitão Edgar Facó, tio de Rui, foi convidado, em 1930, pelo então Presidente do Estado José Carlos Marques Peixoto, seu contemporâneo no colégio, para comandar a polícia, foi promovido a major. Aí veio a Revolução de 1930 e ele foi “arriado” do poder, mas continuou a carreira e chegou a general e ao Supremo Tribunal Militar. “Um oficial muito competente”, lembra o desembargador. Edgard era irmão do capitão João Facó que morava em Salvador e acolheu o Rui.

José Maria só voltou a ver Rui 17 anos depois, em 1956, e, num jantar no restaurante do Ideal Clube, na Praia do Meireles, em Fortaleza. O prato principal foram cenários para a URSS.



À medida que a distância aumentava, a comunicação ficava

mais difícil. Quando passou a morar no Rio de Janeiro, Rui voltou a Beberibe poucas vezes. Já construía outros laços lá. Uma vez por ano ou mais tempo entre um ano e outro, às vezes, mais de um ano sem vir, lembra Ana. O contato era por carta, ele escrevia muito, mandava muito jornal, muito livro, e também roupas e dinheiro. Com os livros sempre uma palavra de reforço: leiam, estudem, leiam, estudem. “Isso aí — educação — era o principal para ele”, conta Ana. Rui mandava muito conselho para os irmãos estudarem, mas as condições à época eram adversas, em especial, porque na cidade não havia escola para graus mais avançados.

A infância de Rui foi toda ali naquela casa, cercada por cajueiros, mangueiras, sapatizeiros e coqueirais. Ao fundo, no quintal, Gustavo construiu uma casa de farinha. Mesmo plantando cana, de onde tirava a maioria dos recursos para financiar a família, nunca teve engenho. Preferia terceirizar um dos engenhos da cidade, o dos Bessa ou o do seu irmão Péricles, no Sítio Bom Jardim, ou no Sítio Lucas que além de produção leiteira também tinha um engenho. Outro engenho era no Sítio Caga-Fogo — homenagem ao vaga-lume, inseto que pisca luz durante a noite —, administrado por Olavo Facó, irmão de Oto e de Orlando e filhos de Joaquim Facó e Maria Moreira. Joaquim era primo legítimo de Gustavo e de Antonieta, os pais de Rui. O Sítio Novo, que era dos pais do Olavo, também tinha engenho. A plantaço principal de Gustavo era a cana. Ao contrário de Ana que adorava ir aos engenhos, Rui preferia vê-los ao largo.

Além da cana-de-açúcar, a roça de mandioca, de macaxeira — um nome regional para aipim — e de milho era farta, compondo um verdume bonito. Gustavo beneficiava a cana principalmente no engenho do Sítio Lucas — de Pedro Queiroz, irmão da Zéia Queiroz e de Antônio Queiroz — que foi prefeito de Beberibe — e do desembargador José Maria de Queiroz, entre outros, primos de Rachel de Queiroz. E, também, no engenho principal da região, que era o de José Bessa. Da cana tirava-se, principalmente, a rapadura e a cachaça.

Os negócios da família de Gustavo Facó concentravam-se no sítio. Plantava cana e mandioca e conduzia uma pequena pecuária. Na casa de farinha, o mutirão da transformação da mandioca em seus derivados.

Nas farinhadas realizadas na casa de farinha nos fundos da casa grande, Eurípedes Facó, irmão de Rui, era a presença mais ativa. Desempenhava o papel de executivo, de gestor, o mais ligado aos negócios.

As farinhadas eram uma festa. Era um São João, era um carnaval, era uma festa de gala: o dia da farinhada. Ficavam os filhos e os netos todos ao redor e descascando o monte de mandioca colhida pelos peões. “Eu cansei de ficar com o bucho inchado de tanto comer farinha inchada”, lembra Valda, referindo-se à farinha antes da fase de secagem.

— Não coma a farinha inchada, menina, vai lhe dar bucho inchado!, alertava Antonieta. E dava mesmo!

— Eu comia mesmo assim, depois ia tomar aquelas ‘gororobas’ que ela fazia, aqueles chás de marcela para que eu fizesse a digestão.

No processo de cozinhar a farinha quando a massa começa a inchar, inicia-se a fase da manipulação, a princípio lenta, depois rápida, pelo farinheiro. Ele se posta em pé na parte superior do enorme forno. E começa a puxar a farinha, para frente e para trás, com um enorme rodo. Em decorrência, ficavam os carocinhos inchados e a meninada ia lá, sem ninguém ver, enchia a mão e colocava na boca.

Como lembra Valda, Antonieta era muito enérgica, austera, mas muito boa, mãezona. “Era uma galinha valente”, lembra Valda. “Na hora que a gente ia para a pracinha, ela ficava de um lado da porta e o papai [era assim que a neta Valda tratava Gustavo] do outro lado e a fila de netos descendo para ir para a pracinha ou à missa e tinha que passar entre os dois; dava beijo em um e no outro e descia a calçada, e ela dizia: “levante os ombros, minha filha. Levante a cabeça, minha filha. Nunca baixe a cabeça para ninguém. Ninguém é melhor do que você.”

Ela sempre dizia isso. “O papai era mais calminho, era mais

e que não tira nenhum mérito ao cantor de hoje é que ele tem consciência da sua qualidade de poeta político, quer sê-lo, enquanto em Castro Alves dominava o espontâneo, a manifestar-se como uma força da natureza.

Mas essa consciência não prejudica de forma alguma a inspiração poética em Jamil Amansur Addad, porque antes de ser político ele já era poeta. E conseguiu aquilo que buscava e de que nos fala no posfácio: o ‘equilíbrio da dosagem’ de uma determinada quantidade de epopeia ‘mediante a inclusão de coeficiente razoável de lirismo’.

[...] É verdade que muitos poetas brasileiros do passado e da atualidade abordaram a poesia política. Mas faziam-no como se praticassem um pecado. Alguns mais tarde, se arrependeriam amargamente, se envergonhariam desse deslize. Por que depois do último poeta de ideias avançadas que tivemos, Mário de Andrade, o Grande — a poética brasileira descambou para o aristocratismo na medida em que iam entrando em decadência poetas que um dia foram renovadores na forma, a exemplo de Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade.

O escritor, poeta e tradutor Fernando Py, homenageou Rui Facó, em seu livro *A construção e a crise, 1963-1968* (Rio de Janeiro, Simões, 1969) com o poema *Presença de Rui Facó*.

Reunião de pauta em *Novos Rumos*. Rui tomava seu cafezinho num ritual leve e cronometrado. Nem quente, nem frio. A cabeça fervilhante de ideias e projetos e as preocupações intelectuais alinhadas com a doutrina.

Ele se encantava pelas coisas simples e se alimentava de povo de onde extraía a matéria-prima para a sua construção original.

Um intelectual orgânico.

Um homem simples.

EPÍLOGO

Uma questão já expressa no início deste trabalho é a especulação sobre o futuro de Rui que consolidava uma trajetória como pensador e tradutor do Brasil numa perspectiva totalmente dissonante da historiografia tradicional. Certamente que devido a muitas influências tanto de fontes secundárias da vasta literatura que consumia, quanto de sua convivência com intelectuais, pensadores e romancistas, a maioria gente enfileirada ao Partido.

Embora as grandes dissidências dentro do Partido já tivessem acontecido, separando antigos companheiros comunistas, a mais inesperada experiência estava por vir, o Golpe Militar de 1964 que mudou os rumos do Brasil e empurrou tudo que se chamava oposição para a clandestinidade. Este novo cenário separou definitivamente os comunistas. Os que defendiam a luta armada fizeram o Araguaia e a guerrilha urbana, uma resistência à força da repressão urbana. De outro lado, os comunistas que acreditavam na redemocratização por outros e os que largaram o partido e os que fizeram uma autocrítica tão radical que largaram a militância partidária e, eventualmente, mudaram de Partido, ajudaram a fundar novo Partido, agora, dos Trabalhadores ou, simplesmente, foram para a Academia, para alguma atividade profissional, desaceleraram ou abdicaram da política.

Aos que ficaram, restou o exílio, a masmorra, a tortura, ou a simples execução sumária.

Quais rumos Rui Facó teria tomado numa conjuntura pós-

1964, quando o Brasil mergulha num cenário de subtrações de direitos civis acirrado em 1968 com a edição do Ato Institucional número 5 — AI-5, que entrou em vigor em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do então presidente Artur da Costa e Silva?

Os partidos políticos de esquerda empurrados para a clandestinidade, esfacelados se dividem em estratégias e ações. O exílio é o porto relativamente seguro para líderes políticos, militantes e intelectuais.

Pelo seu perfil, é muito provável que Rui tomasse o rumo do exílio. Aqui, restaria a prisão e a perseguição. Na primeira semana do Golpe uma rádio do Rio de Janeiro chegou a anunciar que a polícia havia invadido a casa de Rui Facó, levando-o à prisão. Rui já havia morrido há um ano.

Muitos camaradas voltaram às redações, trabalharam nas agências de notícias, em órgãos públicos, na academia. Alguns se preocuparam em desconstruir o comunismo pós-Stalin.

Uma certeza sobre Rui. Certamente ele continuaria exercitando seu criticismo sobre questões estruturais do modelo de desenvolvimentista brasileiro. O modelo concentrador e a questão da terra continuam sendo questões recorrentes no Brasil que consolidam as desigualdades regionais.

Do seu único filho, Paulo, nasceram dois netos.

Sua obra, *Cangaceiros e Fanáticos* ganhou sucessivas edições. A mais recente saiu em 2008, pela Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CRONOLOGIA DE RUI FACÓ

1910. Américo Facó, tio de Rui Facó, vai para o Rio de Janeiro e ganha notoriedade como jornalista e escritor.

17 de novembro de 1910. Nasce Rachel de Queiroz, filha de Daniel de Queiroz e Clotilde Franklin de Queiroz, em Fortaleza, capital do Ceará.

4 de outubro de 1913. Nasce em Beberibe, litoral leste do Ceará, o advogado, escritor e jornalista Rui Facó, filho de Gustavo e Antonieta Facó.

30 de maio de 1918. Nasce Armênio Guedes em Mucugê, Chapada Diamantina, na Bahia.

22 de julho de 1925. Nasce Ana Facó, a mais nova entre os irmãos de Rui

1926. Surge o Partido Democrático de São Paulo. Defendia as eleições livres, o governo consti-

tucional e plenas liberdades civis.

1927. Rui, então com 14 anos, vai para Fortaleza estudar no Liceu do Ceará.

1929. Rui Facó, então com 16 anos, inicia-se no jornalismo ingressando na *Folha do Povo do Ceará*. Mais tarde, transfere-se para a Bahia onde foi secretário do *Diário de Notícias*, ligado aos *Diários Associados*.

26 de julho de 1930. João Pessoa, candidato a vice-presidente de Getúlio Vargas nas eleições presidenciais, é assassinado por uma pessoa do mesmo grupo político, apoiado pelo então presidente Washington Luís.

3 de outubro de 1930. Estoura a Revolução de 1930.

Novembro de 1930. Getúlio Vargas torna-se presidente do Brasil em caráter provisório.

1935. Rui Facó entra para a Faculdade de Direito em Fortaleza.

1936. Rui Facó vai morar em Salvador e transfere o seu curso de Direito para a Faculdade de Livre de Direito da Bahia. Conhece Armênio Guedes, irmão de Julia Guedes.

1937. É dado o golpe, em que Getúlio Vargas assume, como ditador, o governo brasileiro. Instaura-se o Estado Novo.

»»Rui Facó é preso, em Salvador.

1944. Gustavo Facó sai de Beberibe; vai com a família para Pacajus.

1945. Rui Facó muda-se de Salvador para o Rio de Janeiro e torna-se secretário do jornal da esquerda comunista *A Classe Operária*.

18 de agosto de 1945. Graciliano Ramos filia-se ao PCB e foi celebrado exaustivamente.

26 de agosto de 1945, domingo, o jornal *Tribuna Popular* publica alentado ensaio biográfico sob o título *Graciliano Ramos, escritor do povo e militante do Partido Comunista*, texto de Rui Facó e fotos de Ruy Santos.

1946. Gustavo Facó retorna de Pacajus para Beberibe, com a

família.

1950. O PCB lança o *Manifesto de Agosto*, indicando uma linha revolucionária para o Partido, defendendo a derrubada do Governo; em 19 de agosto de 1950.

1952. Rui Facó parte para a URSS, onde continua a sua atividade literária e jornalística na Rádio Moscou, em Moscou.

4 de novembro de 1952. O general Eisenhower é eleito presidente dos Estados Unidos.

3 de janeiro de 1953. Morre Américo Facó, tio e espelho de Rui, no Rio de Janeiro.

5 de março de 1953. Morre Josef Stalin em decorrência de uma hemorragia cerebral.

14 de março de 1953. Nikita Krushchev é nomeado primeiro-secretário do PC russo.

2 de junho de 1953. Acontece a coroação da rainha Elizabeth II.

10 de junho de 1954. O presidente Eisenhower anuncia a intervenção americana no Vietnã.

11 de julho de 1954. O chefe de Estado-Maior do Paraguai, Alfredo Stroessner, comanda um golpe de estado no Paraguai.

2 de dezembro 1956. Fidel Castro

desembarca em Cuba, com 72 homens, e inicia a guerrilha da Sierra Maestra.

3 de abril de 1958. Começa a ofensiva rebelde contra Havana.

1958. MARÇO: Alberto Passos Guimarães, Giocondo Dias e Armênio Guedes, e outros militantes do PCB, lançam a Declaração de Março de 1958, que mudou o rumo da política do Partido.

▶▶O jornal *Novos Rumos* é fundado como um porta-voz do Partido Comunista Brasileiro.

▶▶Rui Facó retorna para o Rio de Janeiro e ingressa na redação de *Novos Rumos*.

1º de janeiro de 1959. Os rebeldes comandados por Fidel Castro tomam a capital Havana e expulsam o ditador Fulgencio Batista.

16 de fevereiro de 1959. Fidel Castro torna-se primeiro-ministro de Cuba.

15 de abril de 1959. Fidel Castro é recebido nos EUA.

10 de junho de 1959. Os EUA e Cuba rompem relações diplomáticas.

3 de janeiro de 1960. Fidel Castro é excomungado pelo Vaticano.

17 de março de 1960. O presidente americano Dwight Eisenhower

aceita que os contrarrevolucionários sejam treinados pela CIA — Agência Central de Inteligência.

17 de abril de 1960. Um grupo de anticastistas treinados pela CIA tenta tomar Cuba a partir da invasão da Baía dos Porcos.

1º de maio de 1960. Fidel proclama Cuba uma República Democrática Socialista.

29 de junho de 1960. Fidel Castro ordena a nacionalização da refinaria de petróleo Texaco.

13 de agosto de 1960. A cidade de Berlim amanhece dividida por um muro. A Guerra Fria vive o seu apogeu.

9 de novembro de 1960. John Kennedy é eleito presidente dos EUA.

Outubro de 1960. Fotografias aéreas tiradas por uma missão de espionagem detectam plataformas de lançamento de mísseis em Cuba. Em seguida, os EUA decretam bloqueio naval a Cuba e, em novembro, John Kennedy anuncia o fim da crise dos mísseis em Cuba, pois as bases soviéticas de lançamento de mísseis foram fechadas.

12 de dezembro de 1960. Kennedy aceita instalar o telefone vermelho, uma linha direta com o

governo da URSS.

24 de dezembro de 1960. O governo cubano troca 1.113 prisioneiros políticos por gêneros alimentícios.

»» PCB racha. A dissidência funda o PC do B.

25 de agosto de 1961. Jânio Quadros renuncia ao cargo de Presidente da República do Brasil.

26 de agosto de 1961. Fragmon Carlos Borges é preso pela polícia carioca. Motivo: ser editor e repórter do jornal de esquerda *Novos Rumos*.

1961. Rui publica o ensaio *Juazeiro e o Padre Cícero*, na prestigiosa *Revista Brasiliense*, Novembro-Dezembro de 1961, número 38, páginas 108-124. São Paulo, SP. A *Revista Brasiliense* foi fundada por Caio Prado Júnior, em 1955.

5 de março de 1963. Rui Facó viaja para começar a sua série de reportagens pela América Latina. Como delegado do PCB ele participa também, na mesma viagem, de evento em favor de Cuba.

13 de março de 1963. Rui escreve a punho sua última mensagem em vida para Fragmon Carlos Borges, em Buenos Aires, Argentina.

15 de março de 1963. Morre Rui Facó em um acidente de avião, nos Andes.

20 de março de 1963. Luís Carlos Prestes escreve uma carta para a redação de *Novos Rumos* em nome dos comunistas brasileiros, lamentando a morte de Rui Facó.

23 de março 1963. Itá, irmão de Rui, escreve uma carta para seus pais, lamentando a morte de Rui.

»» Lançamento póstumo do livro *Cangaceiros e Fanáticos* na livraria São José no Rio de Janeiro. Prestes autografa o livro.

18 de abril de 1963. Rui Facó é enterrado no cemitério São João Batista no Rio de Janeiro. Estavam presentes, dentre tantos outros, Luís Carlos Prestes, Oscar Niemeyer, Carlos Marighella, fundador da Ação Libertadora Nacional (ANL) e Orlando Bonfim, diretor do *Novos Rumos*.

Junho de 1963. A revista *Estudos Sociais* publica trechos da palestra de Moisés Vinhas, na União Brasileira de Escritores — seção São Paulo, como homenagem ao cinquentenário de nascimento de Rui Facó.

22 de novembro de 1963. O presi-

dente dos EUA, John Kennedy, é assassinado em Dallas, Texas. Ele é alvejado por dois tiros quando desfilava pela cidade em carro aberto. O vice-presidente, Lyndon Johnson, assume o governo a bordo do avião que levava o corpo de Kennedy. Lee Oswald é preso e acusado de cometer o crime, dois dias depois, é assassinado por Jack Rubinstein.

31 de março de 1964. Golpe militar

no Brasil. Os militares assumem o poder tendo consistente apoio civil.

1º de abril de 1964. A redação do jornal *Novos Rumos* é destruída pela ação do novo regime. O jornal chega ao fim.

17 de julho de 2012. Morre Ana Facó, a mais nova irmã de Rui, a cinco dias antes de completar 87 anos.

12 de outubro de 2012. Morre Luiz Mario Gazzaneo, aos 84 anos, no Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVA, Ralph Della. *Milagre em Joazeiro*. Tradução Maria Yedda Linhares. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

DENYS, Odylio. *Ciclo Revolucionário Brasileiro — Memórias*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

DULLES, John W. Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977

FACÓ, Ana. *Páginas Íntimas — Obra Phostuma*. Fortaleza: Edição da Família, 1938.

FACÓ, Boanerges. *José Balthazar Ferreira Facó (In memoriam)*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1962.

FACÓ, Luís Carlos. *Garimpendo Lembranças*. Salvador: Edição do Autor, 2000.

FACÓ, Rui. *A Classe Operária, 20 anos de luta*. Rio de Janeiro: Edições Horizonte, 1948. 30 p.

FACÓ, Rui. *Brasil Século XX*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, outubro de 1960.

FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos — Gênese e Lutas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

FACÓ, Rui. *Juazeiro e o Padre Cícero*. In: *Revista Brasiliense*, número 38, páginas 108-124. São Paulo: novembro-dezembro de 1961.

FACÓ, Rui. *O romance do Sr. Guimarães Rosa e o problema da terra no Brasil*. In: *Estudos Sociais*, n. 2, p. 185-89. Rio de Janeiro: julho/agosto 1958.

FALCÃO, João. *O Partido Comunista que eu conheci: 20 anos de*

clandestinidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

FALCÃO, João. *Valeu a pena — Desafios da minha vida*. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2009

FERREIRA, Jorge. *Os comunistas e os Novos Rumos*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História — ANPUH, São Paulo, julho 2011.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *Novos Rumos*. In: ABREU, Alzira Alves et al. (Coord.) *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001. Vol. IV.

FIGUEIREDO, José Ricardo. *Modos de ver a produção do Brasil*. São Paulo: EDUC- Fapesp, 2004 .

GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. 2a. edição. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014

GUIMARÃES, Alberto Passos. *Quatro séculos de latifúndio*. 4ª edição. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1977.

HOBBSBAM, Eric (trad. Marcos Santarrita), Socialismo real, In: *Era dos extremos; o breve século XX (1914-1991)*. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

LIMA, Esperidião de Queiroz. *Antiga Família do Sertão*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1946.

MARKUN, Paulo e HAMILTON, Duda. *1961, que as armas não falem*. São Paulo: Editora Senac, 2001.

MEDEIROS, Leonilde de Servolo. in: *Apresentação, Cagaceiros e Fanáticos*. Rio de Janeiro: Edições UFRJ, 2008

MENDES, Claudinei Magno Magre. *A questão do Feudalismo no Brasil: um debate político*. In: *Notandum*, número 32, maio-ago 2013, Universidade do Porto, Portugal.

MONTENEGRO, Abelardo Fernando. *Fanáticos e Cangaceiros*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011

MORAES, Dênis de. *O velho Graça — uma biografia de Graciliano Ramos*. 2a. edição. Boitempo Editorial: São Paulo, 2012. ISBN 978-85-7559-292-2.

MORAES, Dênis de (org). *Prestes com a palavra: uma seleção das principais*

entrevistas do líder comunista Luís Carlos Prestes. Letra Livre Editora: Campo Grande, 1997.

PRADO JR., Caio. *Fundamentos econômicos da revolução brasileira*. *Journal A Classe Operária*, São Paulo, 19/04/1947, p. 4 e 6.

PY, Fernando. *Presença de Rui Facó*. In: *A construção e a crise: (1963-1968)*. Rio de Janeiro: Simões, 1969.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro — A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SALMON, Gary Prado. *The Defeat of Che Guevara: Military Response to Guerrilla Challenge in Bolivia*. ISBN-13: 978-0275932114. Praeger; First Edition, First Printing in English edition (July 24, 1990).

SANTOS, Raimundo. *Caio Prado Jr. na Cultura Política Brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2001.

SECCO, Lincoln e PERICÁS, Luiz Bernardo (orgs.) *Intérpretes do Brasil — Clássicos, rebeldes e renegados*. Boitempo: São Paulo, SP, 2014

SERVICE, Robert. *History of Modern Russia: From Tsarism to the Twenty-first Century*. Penguin Books Ltd, Londres, 2009. ISBN 978-0141037970.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SPEKTOR, Matias. *Kissinger e o Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009. ISBN 9788537801567.

WEINER, Tim. *Legacy of ashes: The History Of The Cia*. Doubleday, USA, 2007.

Arquivos

Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, RJ

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil — CPDOC da Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, RJ

The Library of Congress. Washington, DC, EUA

Internet

A reforma agrária na visão dos intelectuais da década de 1960. Por Andrius

Estevam Noronha / PUC-RS, CNPq.

IX Encontro Estadual de História, ANPUH- RS

Euclides e Rosa entre sociologia e literatura, Por Maria Célia Leonel & José Antonio Segatto, setembro 2007 <<http://www.acesa.com/gramsci/?id=778&page=visualizar>>

Fundação Getúlio Vargas

<<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/GolpeEstadoNovo>>

Entrevista com João Falcão feita pelo jornalista Ney Sá sobre a revista Seiva

<http://pcb.org.br/fdr/index.php?option=com_content&view=article&id=228:seiva-a-revista-dos-comunistas-em-pleno-estado-novo&catid=1:historia-do-pcb>

Aviation Safety Network

<<http://aviation-safety.net/database/record.php?id=19600225-3>>

Diógenes Arruda. Entrevista a Iza Freaza e Albino Castro, junho de 1979 <<http://www.marxists.org/portugues/arruda/1979/06/entrevista.htm>>
Fonte: Portal Vermelho.

Uma vida exemplar, Luiz Sérgio Henriques <<http://www.artnet.com.br/gramsci/arquiv141.htm>>

Rui Facó: um intelectual da revolução brasileira. Milton Pinheiro <http://pcb.org.br/fdr/index.php?option=com_content&view=article&id=147:rui-faco-um-intelectual-da-revolucao-brasileira&catid=6:memoria-pcb>

Marieta de Moraes Ferreira, no verbete “Novos Rumos” Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil CPDOC — FGV <<http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>>

A Classe Operária — 20 anos de luta. Por Rui Facó <http://grabois.org.br/portal/cdm/revista.int.php?id_sessao=33&id_publicacao=24&id_indice=1929>

O último dos cangaceiros. Por Lira Neto. *Diário do Nordeste*. 10 de setembro de 2010. <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/coluna/lira-neto-1.136/mata-ria-847880-1.503356>>

Jornais e Revistas

A Classe Operária (RJ) — 1925 a 1928 — Biblioteca Nacional

Correio da Manhã (RJ) — Biblioteca Nacional

Gazeta de Notícias (RJ) — 1950 a 195 — Biblioteca Nacional

Jornal do Brasil (RJ) — Biblioteca Nacional

Jornal do Ceará (CE) — Biblioteca Nacional

Novos Rumos (RJ) — Biblioteca Nacional

O Rebate (CE) — Biblioteca Nacional

Revista Brasileira (RJ) — 1861 a 1979 — Biblioteca Nacional

Tribuna Popular (RJ) — 1945 a 1947 — Biblioteca Nacional

Voz Operária (RJ) — 1949 a 1959 — Biblioteca Nacional

Revista Brasiliense, Novembro-Dezembro de 1961, número 38, São Paulo, SP

MOSCOU PREPARA FESTA PARA OS COSMONAUTAS. *Folha de S.Paulo*, quinta-feira, 16 de agosto de 1962.

ARMÊNIO GUEDES, PIZZA E VINHO. Artigo de Paulo Moreira Leite, na revista *Época* de 11 de setembro de 2009.

ASPECTOS DA VIDA E DA OBRA DE RUI FACÓ, de Moisés Vinhas, palestra pronunciada em junho de 1963, na União Brasileira de Escritores, Seção de São Paulo, em homenagem ao transcurso, no dia 4 de outubro de 1963, do cinquentenário de nascimento de Rui Facó. A revista *Estudos Sociais* publicou trechos.

O MUT, INSTRUMENTO DE UNIDADE DA CLASSE OPERÁRIA, de Rui Facó (texto) e Rui Santos (fotos). *Tribuna Popular*, Rio de Janeiro, domingo, 7 de outubro de 1945

A NOVA PEÇA DE DIAS GOMES, de Rui Facó. *Novos Rumos*, Rio de Janeiro, 30 de novembro a 6 de dezembro de 1962.

O 18 BRUMÁRIO DE LUIS BONAPARTE, resenha de Rui Facó. *A Classe Operária*, Rio de Janeiro, 25 de maio de 1946, Ano I, número 12.

A LIÇÃO DE CANUDOS, SEMPRE ATUAL, de Otto Maria Carpeaux. *Revista Cultura Vozes*, Petrópolis, RJ, 1997. Nota da Fundação Casa de Rui Barbosa: *Artigo datilografado, não assinado, possivelmente do*

início da década de 1970, que se encontra entre os papéis de Otto Maria Carpeaux, depositados na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. Uma correção autógrafo, na penúltima linha, a palavra depressa, autoriza a atribuição.

JUAZEIRO E O PADRE CÍCERO, de Rui Facó. Páginas 108-124. *Revista Brasiliense*, Novembro-Dezembro de 1961, número 38, São Paulo, SP

Documentos

Estatuto do **Partido Comunista do Brasil**, aprovado pelo 11º Congresso do Partido Comunista do Brasil em Brasília, 22 de outubro de 2005. Alterado pelo 12º Congresso do **PCdoB** em São Paulo, 8 de novembro de 2009.

Estatuto do **Partido Popular Socialista — PPS**, aprovado no XVII Congresso Nacional do Partido, realizado no período de 9, 10 e 11 de dezembro de 2011, na cidade do São Paulo, SP.

Entrevistas

ANA FACÓ, Beberibe, CE, em 8 de março de 2003.

ADALBERTO TEMOTEO, Belo Horizonte, BH, 3 de maio de 2004.

ARMÊNIO GUEDES, São Paulo, SP, 3 de junho de 2003.

ELIO GASPARI, São Paulo, SP, 5 de maio de 2004.

GIUSEPPINA BLUMETTI FACÓ, São Paulo, SP, 25 de agosto de 2006.

JOSÉ MARIA DE QUEIROZ, Fortaleza, CE, 23 de setembro de 2004.

LUIZ MARIO GAZZANEO, Rio de Janeiro, RJ, 7 de maio de 2004.

VALDA FACÓ e HEITOR FACÓ, Fortaleza, CE, 19 de fevereiro de 2004.

VALDO FACÓ, Brasília, DF, 25 de agosto de 2006.

ZÉIA QUEIROZ, Beberibe, CE, 4 de fevereiro de 2004.

ZULEIKA ALAMBERT, Rio de Janeiro, RJ, 10 de novembro de 2004.

Depoimentos via e-mail

RALPH DELLA CAVA, New York, NY, em 18 de maio de 2014

BRIQUET DE LEMOS, Brasília, DF, 17 de Agosto de 2014

Índice Onomástico

- A Classe Operária*, 147, 148, 195,
 247, 262, 263, 264, 267, 295
 AI-5, 16, 366
 Accioly, Nogueira, 138-139, 141,
 151-152
 Ação Libertadora Nacional — ALN,
 41
 Addad, Jamil Amansur, 363-364
 Alambert, Zuleika, 11, 19, 141, 201,
 274-277, 290, 315, 316
 Alaor, José, 53
 Aliança Nacional Libertadora —
 ANL, 53, 184, 254, 267
 Almeida, José Américo de, 179
 Almeida, Josué, 29, 299, 345, 355
 Amado, João Jorge, 100, 198, 278
 Amado, Jorge, 41, 51, 96, 100, 105,
 186, 197-198, 262, 278, 281, 287-
 288, 317
 Amado, Paloma Jorge, 198
 Amazonas, João, 17, 320
 Amorim, Clóvis, 75, 186
 Andrade, Carlos Drummond de, 63,
 153-154, 193, 317, 364
 Andrade, Mário de, 364
 Araújo, Adelaide Facó de, 160
 Arraes, Miguel, 245
 Assis, Machado de, 51, 137, 212-213
 Bandeira, Manuel, 152, 364
 Barbosa, Rui, 66, 157, 376
 Barreira, Américo, 53
 Barreira, Dolor, 125, 171
 Barroso, Gustavo, 132, 136, 137
 Bartolomeu, Floro, 66, 217, 229, 235-
 236, 238-240, 251
 Beberibe, 12, 15, 19, 53, 60, 86, 111,
 114, 119-120, 122-124, 126, 128-
 131, 133-134, 136, 143, 156, 158,
 160, 162, 164, 166, 168, 171, 176,
 367
 Benário, Olga, 97, 185, 268
 Bloch, Adolpho, 218
Brasil Século XX, 15, 39, 43-44, 46,
 48, 54, 77, 87, 166, 220-224, 226,
 232, 296, 298
 Bonavides, Aníbal, 18, 52, 55
 Bonfim, Orlando, 25-26, 275, 283,
 354
 Borges, Fragmon Carlos, 25, 27-28,
 299, 310, 357-358
 Brandão, Octavio, 201, 278
 Brandão, Fátima, 201, 278
 Brito, Milton Cayres de, 183, 193
 Brizola, Leonel, 246, 277, 312-313,
 342
 Buonicore, Augusto, 182-183
 Callado, Antonio, 66
 Calmon, Pedro, 231
 Câmara, Diógenes de Arruda, 180,
 188, 287, 320
Cangaceiros e Fanáticos, 17-18, 26,
 39, 44, 54, 62-64, 69, 71-72, 74,
 112, 116-117, 163, 218, 226-230,
 232, 237, 241-244, 249-250, 270,

- 298, 311, 317, 366, 370, 372
- Canudos*, 39, 64, 66-68, 225, 230-231, 233, 237, 244, 376
- Carlos, Newton, 357
- Carneiro, Edison, 28, 75, 183, 186
- Carpeaux, Otto Maria, 66, 68
- Carvalho, Beni, 169
- Castello Branco, Humberto de Alencar, 16
- Castro, Albino, 188
- Castro, Fidel, 25, 33, 41, 50, 56, 165, 242, 307, 342, 353
- Castro, Moacir Werneck de, 194
- Cava, Ralph Della, 11, 70-71
- Cavalcante, Tenório, 310
- Cavalcante, Valdomiro, 138
- Chateaubriand, Assis, 178
- Cícero, Padre, 39, 64-66, 73, 217, 229, 232, 235-236, 238-242, 251, 370
- Coelho, Marco Antonio Tavares, 277, 355
- Conselheiro, Antônio, 65-68, 230, 233
- Coutinho, Carlos Nelson, 69, 213, 358
- Cuba*, 28, 33-34, 37, 41, 50, 54, 56, 165-165, 205, 207, 257, 299, 304, 307, 344-346, 348, 350, 355
- Cunha, Euclides da, 26, 63, 65, 67, 212, 216, 229, 231, 237, 270, 362
- Cunha, Francilipe Facó Magalhães da, 97, 164
- Dantas, Santiago, 357
- Denys, Odylio, 189
- Dutra, Eurico Gaspar, 179, 181, 196-197, 293
- Dutra, Maria da Graça, 29
- Eisenhower, Dwight, 165, 209-210
- Eneida [Eneida de Moraes], 45, 48-49, 354
- Estudos Sociais*, revista, 26, 28-29, 57, 100, 212, 224, 228, 244, 270, 272, 299, 331, 358, 370
- Facó, Américo, 137-142, 152-155, 169, 367
- Facó, Ana, 15, 103, 121, 133-134, 137, 157, 166-168, 178, 367
- Facó, Ana, *escritora*, 133-134
- Facó, Antonieta, 52, 60, 75, 86, 111, 120, 123, 128-129, 136-137, 157-158, 160, 162, 165-166, 186, 367
- Facó, Boanerges, 106, 136, 168, 171
- Facó, Edgard, 60, 75, 101, 125, 13-137, 162-163
- Facó, Eurípides, 120, 127, 130, 157, 168
- Facó, Francisco Balthazar Ferreira, 133, 135
- Facó, Giuseppina Blumetti, 74, 90
- Facó, Gustavo Francisco de Queiroz, 52, 60, 120-123, 126-128, 130, 133-134, 136-137, 157-162, 164-166
- Facó, Heitor de Queiroz, 12, 59, 120, 122, 129-130, 157, 161, 168
- Facó, Helena Cristina Blumetti, 74, 87, 90, 176
- Facó, João, 60, 75, 125-125, 163-164, 186
- Facó, João Henrique, 60, 164
- Facó, Joaquim, 126, 167

- Facó, José Balthazar Ferreira, 135, 168, 171
- Facó, Julia Guedes, 18-19, 40, 42, 61, 74-76, 88, 98, 100, 164, 173-178, 180, 186, 190-191, 194, 198-199, 201, 275-278, 290, 315-317
- Facó, Júlio Francisco Blumetti, 74
- Facó, Luís Carlos, 133
- Facó, Maria, 156
- Facó, Maria Moreira, 126
- Facó, Odivar, 167, 171
- Facó, Olavo, 126, 164, 171
- Facó, Orlando, 12, 126, 167, 171
- Facó, Oto, 126, 171
- Facó, Paulo [deputado], 11, 171
- Facó, Paulo [filho de Rui], 40, 44, 62, 74, 88, 90, 100, 164, 168, 176-178, 198-199, 201, 228, 258, 275-277, 290-291, 299, 315-316
- Facó, Péricles, 126, 159, 160, 167
- Facó, Rui, 21-29, 32, 34-38, 40-45, 47-77, 120-122, 124-131, 133, 136-137, 156-168, 172, 175-178, 180-181, 183, 186-192, 194-196, 198-204, 207, 209-212, 214-216, 218-220, 222, 224, 226-250, 255, 257-259-261, 262, 269-270, 272-273, 275-277, 295-297-299, 304, 311, 313-317, 320, 342-343, 350-351, 354-355, 358-367
- Facó, Valda, 12, 59, 122, 127-128, 130
- Facó, Valdo, Facó, Valdo, 12, 59, 60, 130, 164, 168
- Falcão, Armando, 16, 351
- Falcão, João da Costa, 178-182, 273, 274, 287
- Fernandes, Florestan, 272
- Ferreira, Jorge, 301
- Ferreira, Maria da Penha Facó, 132, 134
- Ferreira, Migueline de Castro, 124, 132
- Fessounenko, Igor, 282
- Fleury, Sérgio Paranhos, 41
- Fonseca, Gondim da, 50-52
- Freaza, Iza, 188
- Freire, Roberto, 218
- Gagárin, Yuri, 114, 341, 354-355
- Ganns, Cláudio, 138
- Gaspari, Elio, 11, 27, 314, 339
- Gattai, Zélia, 105, 198, 278
- Gazzaneo, Luiz Mario, 11, 23, 24, 26-29, 214, 218-220, 295, 299-300, 310-311, 314, 316-317, 355-359, 371
- Giocondo, Dias, 18, 24, 219, 318, 369
- Girão, Blanchard, 18, 52, 55
- Gomes, Dias, 38, 186, 214-218
- Gordon, Lincoln, 335, 339, 343-352
- Goulart, João, *Jango*, 33, 41, 272, 299, 301, 303-304, 306-308, 311-314, 318, 323, 348-349, 355-357
- Grabois, Maurício, 183, 319-320, 337
- Guedes, Adorzinda Dulfina dos Santos, 172, 180, 258, 277, 291
- Guedes, Armênio, 11, 24, 28, 61, 74-77, 172-173, 175-176, 180, 183, 186-188, 191-192, 194, 198-199, 201-202, 212-214, 228, 230, 254-272, 275-277

- Guedes, Júlio Augusto de Castro, 173, 174, 258
- Guerra Fria*, 33-35, 50, 164-165, 200, 204, 209-210, 234, 257, 280, 288-289, 369,
- Guimarães, Alberto Passos, 28, 62, 255-257, 317
- Gorender, Jacob, 28, 182, 320
- Hampejs, Zdenek, 44-47, 291, 269
- Hobsbawm, Eric, 74, 286
- Holanda, Sérgio Buarque de, 138, 152
- Houaiss, Antônio, 255
- Jurandir, Dalcídio, 46, 49
- Kennedy, John F., 34-35, 37, 204-206, 346, 350, 369
- Konder, Leandro, *Pedro Severino*, 28, 57, 358
- Konder, Valério, 38
- Kruschev, Nikita, 17, 30, 34-35, 41, 105, 204-205, 210, 213, 280, 282-283, 286-287, 368
- Kubitschek, Juscelino, 201, 209-211, 303-304, 313, 320, 323,
- Lacerda, Carlos, 33, 181, 303-307, 310, 312, 335, 343, 348, 351
- Lampião, Virgulino, 30, 39, 72, 232-233, 239-241, 251, 239-241, 251
- Leite, Paulo Moreira, 359
- Lemos, Briquet de, 26
- L'Humanité*, 220
- Lima, Paulo Mota, 29, 95, 259
- Lima, Pedro Motta, 259
- Lobato, Monteiro, 15, 166, 228, 258
- Lott, Henrique Dufles Baptista Teixeira, 24, 312-314, 323
- Luís, Washington, 183, 184, 251
- Magalhães, Juracy, 40, 75, 124, 163, 186, 187, 346
- Marighella, Carlos, 17-18, 24, 27, 37-38, 40-41, 176, 242, 271, 370
- Marx, *marxismo*, *marxismo-leninismo*, 13, 26, 29-30, 32, 34, 36, 192, 200, 208, 215, 236, 249-250, 261, 269-270, 300, 319-320, 325, 350
- Matos, Almir, 24-25, 27-29, 164, 299, 305, 307, 317, 355
- Montenegro, Abelardo, 71-74
- Morais, Edson, 27
- Morais, Vinícius de, 360-361
- Morena, Roberto, 38
- Moscov*, 9, 39-40, 47, 54, 60, 124, 164, 168, 176, 195, 198-202, 211, 219-220, 223-244, 267, 276-278, 286-289, 296, 315, 358, 368
- Motta, Leonardo, 139
- Munro, Leslie, 208
- Nascentes, Antenor, 46, 362-363
- Neruda, Pablo, 198
- Neto, Lira, 73-74
- Neves, Tancredo, 33, 307, 309, 312
- Noronha, Andrius Estevam, 255
- Novos Rumos*, jornal, 11, 23-26, 27-31, 38, 40-43, 48-49, 51, 54, 56-60, 76, 116-117, 202, 204, 207, 212, 214-215, 220, 222, 224, 242, 245-246, 257, 277, 295, 296-298, 300-302, 304, 306, 309-311, 313-317, 320-321, 323, 325-328, 331-333, 335, 337, 339, 341-344, 346-347, 349-351, 354-360, 362-

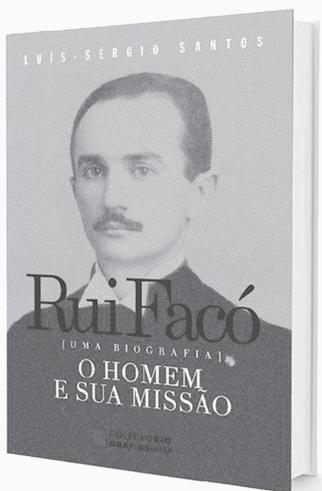
- 364, 370
- Oliveira, Armando de Sales, 179
- Oliveira, Franklin de, 273
- Pacheco, Osvaldo, 257
- Paim, Isaías, 76, 191
- Pedrosa, Milton, 38
- Peixoto, José Carlos Marques, 125
- Pimentel, Meneses, 125
- Pinochet, Augusto, 21, 190
- Pinheiro, Milton, 70, 227
- Pólvora, Hélio, 228
- Portinari, Cândido, 96, 262
- Prado Junior, Caio, 247-249, 370
- Prestes, Anita Leocádia, 185, 318
- Prestes, Júlio, 183-184
- Prestes, Luís Carlos, 24, 26-27, 38, 41-42, 61-62, 165, 173, 177, 182, 184-186, 194-195, 198, 214, 219-220, 230, 232, 240-241, 248, 250, 259, 265-268, 271-272, 275, 277, 295-297, 300, 318, 320-322, 328, 350, 356-358, 370
- Quadros, Jânio, 24, 114, 205, 303-304, 306, 310-313, 321-323, 331, 342-354, 370
- Queiroz, Antônio, 126
- Queiroz, Clotilde Franklin de, 156, 367
- Queiroz, Daniel de, 156, 367
- Queiroz, João Ferreira, 131
- Queiroz, José Maria de, 12, 106, 124-126, 132, 135
- Queiroz, Zéia, 12, 126, 131-133
- Ramos, Graciliano, 26, 49, 95-96, 145, 228, 258-259, 260-262, 286, 316, 368
- Rabinovitch, Moisés, 52
- Reed, John, 322
- Ribeiro, Darcy, , 231-232
- Romo-Leroux, Piedad, 74
- Rosa, João Guimarães, 228-229
- Santos, Agapito dos, 139
- Santos, Maria do Carmo Gomes dos, 12
- Santos, Ruy, 145, 197-198, 260-262, 368
- Savaget, Edna, 63
- Schmidt, Augusto Frederico, 154
- Serra, José, 257
- Silva, Adalberto Temoteo da, 199, 289
- Silva, Astrojildo Pereira Duarte da, 28, 44, 46, 63, 77, 95-96, 106, 192, 197, 211-214, 221-222, 224, 252, 259, 301, 322, 358
- Silva, Francisco Pereira da, 64
- Silveira, Ênio, 26, 39, 214, 317, 358
- Sodré, Néelson Werneck, 28
- Stalin, Josef, *stalinismo*, 30, 41, 213-214, 271, 279-287, 318, 366
- Távora, Virgílio, 167, 308
- Teófilo, Rodolfo, 138
- Thornes, Jacinto de, 152
- Toledo, Caio Navarro de, 272
- Torelly, Apparício Fernando de Brinkerhoff, 259, 322
- Vargas, Getúlio, 30, 41, 136, 179, 182-186, 197-198, 266-268, 306-367
- Vinhas, Moisés, 77, 221, 224, 226-227, 291, 370
- Wainer, Samuel, 318, 351-352
- Walters, Vernon, 353

Rui Facó – O Homem e sua Missão

DIMAS MACEDO

Finalmente, passei a primeira e fui até o fim da leitura do livro de Luís-Sérgio Santos: *Rui Facó – O Homem e Sua Missão* (Fortaleza, Omni Editora, 2014). A pesquisa foi publicada em convênio com o Inesp, no âmbito da coleção Biografias, e traz a marca do importante selo editorial da Fundação Astrojildo Pereira, de Brasília.

O que propõe esse livro? Uma compreensão acerca da vida de um dos maiores intelectuais brasileiros — Rui Facó —, natural de Beberibe (Ceará) e autor de livros fundamentais como *Brasil — Século XX* (traduzido em diversos idiomas) e *Cangaceiros e Fanáticos*, um dos clássicos da sociologia brasileira, ao lado de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freire.



Escrito por um dos nossos melhores jornalistas — Luís-Sérgio Santos —, o livro traz um cheiro bom de reportagem, abrindo um leque de vai da morte de Rui Facó, numa queda de avião, na Cordilheira dos Andes, até o encontro desse personagem com a sua missão de escritor e de aguerrido

militante do Partido Comunista Brasileiro.

O livro de Luís-Sérgio Santos acha-se recheado de vários documentos e traz uma rica e diversificada iconografia, que passa por Beberibe, no Ceará, Salvador, Rio de Janeiro, Moscou e diversos lugares do Brasil e do Mundo por onde passou Rui Facó com o fervor da sua inquietude.

Livro denso e humano a um só tempo, Rui Facó — O Homem e Sua Missão é uma das mais instigantes pesquisas de caráter biográfico publicadas no Ceará, nos últimos tempos. Li e recomendo a todos o conhecimento do seu conteúdo. ■

JUNHO 2014

ISBN 978-85-88661-43-1



TEXTO COMPOSTO EM MINION PRO REGULAR, CORPO 12, ENTRELINHA 16. A
MINION É UMA FONTE DESENHADA POR ROBERT SLIMBACH EM 1990 PARA A ADOBE
SYSTEMS. É TOTALMENTE INSPIRADA NO ESTILO TIPOGRÁFICO DA RENAISSANCE.

TÍTULOS ESTÃO EM FRANKLIN GOTHIC STD EXTRA CONDENSED.



LUÍS-SÉRGIO SANTOS é jornalista e professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará. Em 1980, ganhou o Prêmio Esso de Jornalismo. Foi editor-executivo do jornal *O Povo* e secretário de redação do jornal *Diário do Nordeste*. Foi correspondente do jornal *Folha de S. Paulo*, em Fortaleza. Fundou as revistas *InsideBrasil*, *Fale!* e *Poder Local*.

A morte colheu Rui Facó exatamente numa de suas viagens pela América Latina, cujos países visitava fazendo reportagens para *Novos Rumos*, jornal revolucionário onde ocupava um lugar de destaque na redação. Revelava-se assim um internacionalista, empenhando mais uma vez, tal como fizera em sua passagem pelos países socialistas, em cimentar os laços de amizade entre os povos. — CARLOS MARIGHELLA

Cangaceiros e Fanáticos é um livro provocante. Merece ser lido — mesmo pelos que talvez discordariam com o seu quadro analítico e as conclusões audazes. [...] Diria que pela leitura de *Cangaceiros e Fanáticos* consegui “pular” bem além das minhas propostas originais. Foi a razão que inclui o Rui Facó — mesmo não o conhecendo pessoalmente — entre outros escritores e amigos na dedicatória do meu livro *Milagre em Joazeiro*. — RALPH DELLA CAVA

Ao longo da minha (quase octogenária) vida, li dezenas e dezenas de biografias. A grande maioria de fundo laudatório ou com palavrório desnecessário. Está sendo uma grande alegria ler o seu “Rui Facó”. É na realidade um exaustivo trabalho histórico. [...] O seu grande mérito é ter resgatado a memória deste grande cearense de dimensão internacional. — GABRIEL JOSÉ DA COSTA

ISBN 978-85-88661-43-1



9 788588 661431 00

FUNDAÇÃO
ASTROJILDO
PEREIRA

APOIO CULTURAL

GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ

Casa Civil